

**ILSYANE DO ROCIO KMITTA**

**EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, NATUREZAS CONSTRUÍDAS: ENCHENTES NO  
PANTANAL  
(PORTO MURTINHO – 1970-1990)**

**DOURADOS, MS  
2010**

**ILSYANE DO ROCIO KMITTA**

**EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, NATUREZAS CONSTRUÍDAS: ENCHENTES NO  
PANTANAL  
(PORTO MURTINHO – 1970-1990)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *Fronteiras, Identidades e Representações.*

Orientador: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite.

**DOURADOS, MS**

**2010**

**ILSYANE DO ROCIO KMITTA**

**EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, NATUREZAS CONSTRUÍDAS: ENCHENTES NO  
PANTANAL  
(PORTO MURTINHO – 1970-1990)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

**Aprovada** em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e orientador:

Prof. Dr. Eudes Fernando Leite (UFGD) \_\_\_\_\_

2º Examinador:

Prof. Dr. José Augusto Pádua (UFRJ) \_\_\_\_\_

3º Examinador:

Prof. Dr. João Carlos de Souza (UFGD) \_\_\_\_\_

Irio, João Alfredo e Maeme,  
minha família, essência da minha história.

A meus pais (*in memoriam*), pela vida.

## AGRADECIMENTOS

Em especial, à minha família, meu esposo Irio, pelo amor incondicional, apoio e confiança. Aos meus filhos amados - João Alfredo e Maeme - pela compreensão nos momentos de impaciência e pelas inúmeras ausências.

Ao Prof. Eudes Fernando Leite. Orientador e amigo, pelo muito que aprendi trilhando o caminho das minudências, lapidando as arestas do estranhamento, tão comum entre pessoas com interesses distintos e, ao mesmo tempo, na resultante, tão confluentes.

Ao prof. Dr. Robert Wilcox (*Northern Kentucky University*), por sua disponibilidade na leitura dos textos, pela participação na banca de qualificação, pelas sugestões apresentadas e indicação de bibliografia que, em muito, contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

A meu pai, meu mestre primeiro na história humana. Aquele que foi meu primeiro narrador, antes mesmo de eu saber a significância de tal fato. À minha mãe, pelas renúncias, esquecimentos e silêncios que me fortaleceram, impulsionando-me a seguir pelo labirinto das palavras, nos caminhos de Clio.

Aos meus colaboradores, gratidão sempre. Especialmente, aos moradores de Porto Murtinho que me receberam e concederam-me suas narrativas, permitindo o registro de suas experiências vividas. Meu apreço pela memória de um povo hospitaleiro que, em muito, contribuiu para o desfecho deste fragmento de história dos pantanais.

Aos professores da FCH/UFMGD, Departamento de História, que desde minha graduação, sempre estiveram prontos a auxiliar e orientar minha formação acadêmica. A Prof<sup>a</sup> Nauk de Jesus, pela acolhida. A todos, indistintamente, minha gratidão.

Aos amigos: Marcelo Ferreira de Souza, que não mediu esforços, sempre que solicitado para a leitura dos textos, aquisição de livros e, especialmente, pela sua amizade; Jean Paulo de Menezes, que me auxiliou nos primeiros passos do mestrado. Pedro Vieira Neto e Rosemeire Cesco, amigos de longas conversas, de incentivo e confiança.

Ao casal, Gilson Domingos e Nilza, meus tutores em Corumbá, pela incansável presteza, sempre que solicitados.

A FUNDECT pelo financiamento da pesquisa.

À Secretaria de Turismo de Porto Murtinho; Museu Jaime Aníbal Barrera; 2<sup>a</sup> Cia de Fronteira; ao Cel. Francisco José Mineiro Junior; ao Major Lobo Junior; ao Sr. Marcelo Miranda Soares.

Aos pesquisadores da EMBRAPA-Corumbá, na pessoa de Débora Calheiros.

Aos funcionários do Instituto Luís de Albuquerque, em Corumbá. Funcionários do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, em Cuiabá, na pessoa de Eliane Fernandes.

Aos funcionários da AGESUL, na pessoa de Gildson Arimura Arima.

Aos colegas de mestrado, turma 2008.

## ÚLTIMO OLHAR

Pára, contempla, observa: Não são  
miragens  
De um mundo perdido no tempo ou no  
sonho.  
Em que a vida brincasse de fazer coisas  
imensas e pequenas coisas misteriosas.  
Não é uma terra fora da Terra e do  
presente.  
Visão, alegoria, fábula.  
É o aqui e o agora de um Brasil que é  
teu e desconheces.  
São as árvores, os bichos, as águas,  
Os crepúsculos  
Do Pantanal Mato-grossense  
Todo um mundo natural  
Que pede para ser compreendido,  
amado, respeitado.  
Olha bem, olha mais. Cada imagem é  
uma história  
E cada história um aviso, um anúncio,  
uma anunciação.[...]

(Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

A relação do homem e natureza, no Pantanal, sua interação com os ecossistemas, o seu modo de perceber e relacionar-se com as peculiaridades do ambiente, é marcada pelo ciclo das cheias e de sua antítese, as secas. As experiências humanas em uma região historicamente valorizada, principalmente por suas características ambientais, são nossa proposta para discussão. Utilizando a metodologia da história oral, procuramos conhecer as experiências dos sujeitos, suas práticas cotidianas e sua trajetória de vida, enquanto morador nos pantanais, especialmente em Porto Murtinho, MS. Para compreender como a história local contempla, em suas características e modificações, o fenômeno das enchentes, buscamos fazer uma leitura da história a partir da memória de um povo que considera a enchente um fenômeno natural, porém marcante na região do Pantanal, e as estratégias humanas construídas para a sobrevivência em áreas tradicionalmente afetadas pelas águas. Os homens modificam a paisagem e o espaço ao seu redor, e são por eles modificados, seja no passado ou no presente. Essa rede de relações não se explica apenas ou somente pelo aspecto político, mas também pelo aspecto social, religioso, cultural e econômico e possibilita o entendimento de que a ação humana, individual ou coletiva, não é apenas uma determinante identificável, mas elabora significações próprias, que favorecem a compreensão de que essa região encerra características que ultrapassam a visão midiática e edênica do Pantanal, que significa a região como um paraíso de espécies animais, reserva da flora e fauna, alienando, em boa medida dessa representação, o homem pantaneiro e sua história. Nesse contexto, a enchente, sob a ótica da História Cultural, produz uma resignificação do que é um morador urbano no Pantanal e permite compreender por que as cheias nem sempre são um problema para essa região.

**Palavras-chave:** Pantanal. Homem. Natureza. Memória.

## ABSTRACT

The relationship between man and nature, in Swampland, its interaction with ecosystem, the way to notice and mix with the peculiarities of the environment is marked by the cycle of the floods and its antithesis, droughts. The human experiments in a region historically valued, mainly by its environmental characteristics, are our proposal for discussion. Using the methodology of oral history, we know the experiences of the subjects, their daily practices and their life trajectory, while occupant in waterlands, especially in Porto Murtinho-MS. To understand how the local history includes, in their characteristics and modifications, the phenomenon of floods, we made a reading of history from the memory of a people that considers the flood a natural phenomenon, but remarkable in the region of Swampland, and the human strategies built for survival in areas traditionally affected by water. Men modify the landscape and the area around it, and they are modified, in the past or present. This network of relations is explained not only or only by political aspects, but also by the social, religious, cultural and economic aspects, and allows the understanding that the human action, individual or collective, is not only an identifiable determinant, but produces own significations, to promote the understanding that the region contains characteristics that go beyond the middle and paradisiac vision of Swampland, which means the regions as a paradise of animal species, reservation of flora and fauna, joining, in a good way of this representation, the waterland man and his history. In this context, the flood, under the perspective of Cultural History, produces a resignification about what a urban tenant is in Swampland and allows us to understand that the floods are not always a problem for that region.

**Keywords:** Swampland; man; nature; memory.



## LISTA DE MAPAS E FIGURAS

<b>Mapa 1</b> - Delimitação das sub-regiões do Pantanal	73
<b>Figura 2</b> - Projeto inicial de paisagismo 1981	214
<b>Figura 3</b> - Projeto inicial das rampas de acesso elaboradas em 1981	215
<b>Figura 4</b> - Contornos do dique envolvendo toda a cidade	216
<b>Figura 5</b> – Projeto inicial da casa das bombas 1981	218

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Foto 01</b> - Linha ferroviária construída pela Cia Mate Laranjeira	84
<b>Foto 02</b> - Vista parcial de Porto Murtinho na década de 1960	98
<b>Foto 03</b> - Posto Médico e odontológico da 2ª Cia de Fronteira em 1979	131
<b>Foto 04</b> - Cidade de Lona em 1979	133
<b>Foto 05</b> - Destacamento Barranco Branco da 2ª Cia de Fronteira	134
<b>Foto 06</b> - Barracos improvisados no Km 7 em 1979	140
<b>Foto 07</b> - Barracos improvisados no km 8 em 1982	140
<b>Foto 08</b> - Moradia improvisada em ônibus pela família Gonzáles	141
<b>Foto 09</b> - Chuveiros improvisados na cidade de lona	151
<b>Foto 10</b> – Disposição interior dos chuveiros improvisados na cidade de lona	152
<b>Foto 11</b> - Margens do Rio Paraguai em Porto Murtinho	177
<b>Foto 12</b> - Vista parcial da cidade na década de 1980	181
<b>Foto 13</b> - Erosão na BR 267 nas enchentes de 1982	195

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

<b>Tabela 1</b> – Delimitação do Pantanal brasileiro – participação dos municípios em km <sup>2</sup>	73
<b>Gráfico 2</b> - Cotograma das maiores enchentes em Porto Murtinho, desde 1959	74
<b>Gráfico 3</b> - Nível das águas em Porto Murtinho (1959-1988)	117
<b>Gráfico 4</b> - Nível das águas no rio Paraguai (1975-2009)	128
<b>Gráfico 5</b> - Croqui dos contornos da barreira de proteção contra as enchentes	196

## **LISTA ABREVIATURA E SIGLAS**

**ANA** – Agência Nacional de Águas

**CONSPLAN**- Consultoria em Planejamento

**DNOS** – Departamento Nacional de Obras e Saneamento

**EDIBAP** – Estudo de Desenvolvimento Integrado da Bacia do Alto Paraguai

**EMBRAPA**- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

**MINTER** – Ministério do Interior

**PCBAP** – Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai

**PRODEPAN** – Programa de Desenvolvimento do Pantanal

**SEDEC**- Secretaria Estadual de Defesa Civil

**SERPHAU** – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo.

**SUCAM** – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

**SUDECO** – Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro Oeste

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b>	5
<b>Epígrafe</b>	6
<b>Resumo</b>	7
<b>Abstract</b>	8
<b>Lista de Mapas e figuras</b>	9
<b>Lista de fotografias</b>	10
<b>Lista de Tabelas e gráficos</b>	11
<b>Lista de abreviaturas e siglas.</b>	12
<b>Sumário</b>	13
<b>Apresentação</b>	14
<b>1 - O ciclo das águas: um mar em Xaraies</b>	
1.1 Aspectos históricos e características ambientais da região pantaneira	22
1.2 As enchentes em Porto Murtinho	40
1.3 Homem e natureza no ritmo das águas no Pantanal sul-matogrossense	47
1.4 Relação homem e natureza: elos “aparentemente” harmônicos	56
<b>2- Porto Murtinho: As enchentes e a urbe</b>	
2.1 A cidade nas teias do seu traçado	76
2.2 Porto Murtinho: sua História e seus encantos no Pantanal de Nabileque	80
2.3 Nas fábricas de tanino emergem os “marca onças”	88
2.4 A singularidade de um espaço urbano no Pantanal	96
2.5 A cidade e as águas: o Paraguai espreado tracejando o “mar de xaraies”	113
<b>3- As águas e a “cidade de lona”. Experiências do cotidiano na cadência das águas</b>	
3.1 “nesta hora todo mundo é igual, é como no carnaval.”	129
3.2 “tudo pra nós aqui se torna festa”	157
3.3 Recomeçar com a cidade, refazer caminhos.	160
3.4 Muitos deixaram a cidade	164
3.5 O murtinhense não vive sem o rio	168
<b>4- O dique como elemento constitutivo e modificador do espaço urbano</b>	
4.1 “ela se esconde por trás de uma muralha”, é uma cidade corajosa e cheia de esperança”	178
4.2 “a muralha que a cerca é a sua proteção, sua segurança contra as águas que constantemente avançam em sua direção.”	192
<b>5- Considerações finais.</b>	219
<b>6- Fontes e Bibliografia</b>	228

## APRESENTAÇÃO

A pesquisa *Experiências vividas, naturezas construídas: enchentes no Pantanal. (Porto Murtinho 1970-1990)*, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, insere-se no campo da História Cultural e dialoga com os trabalhos desenvolvidos na linha da História, no estudo de Fronteiras, Identidades e Representações. O interesse pela temática é advindo das atividades que integraram o Plano de Trabalho da pesquisa: *Aspectos históricos das enchentes no Pantanal: Porto Murtinho*, desenvolvida através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (2006-2007).

O intuito de contribuir e abordar problemáticas cada vez mais presentes no campo da História foi o desafio norteador no decorrer do trabalho de pesquisa e levantamento das fontes. Consistiu em construir uma análise, cujo significado das experiências vividas pelos sujeitos e os valores elaborados ou reelaborados levasse à percepção de que as experiências desses sujeitos históricos e sociais acumulam-se e expressam-se em forma de valores, imagens, crenças e sentimentos acerca de si próprios, da natureza e do espaço em que se inserem na sociedade.

Pesquisar, neste caso, as enchentes do Pantanal, em Porto Murtinho, é o ato que visa à criação de um conhecimento sobre o assunto e, subsecutivamente, apresentar características específicas, visando ultrapassar uma explicação imediatista. A construção do conhecimento foi além do fato, com explicações consistentes, baseadas em referenciais teóricos e na utilização de metodologias apropriadas para a análise do processo componente da pesquisa.

Na fase inicial da pesquisa (2006-2007), além de uma primeira visita a Porto Murtinho, foram realizadas leituras e análise bibliográfica de artigos científicos, de revistas e de jornais que tratavam das enchentes no Pantanal e seus aspectos históricos, tanto no âmbito geral quanto específico da região de Porto Murtinho. As fontes localizadas no Centro de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que englobam periódicos, separatas, teses, dissertações e obras de História Regional, bem como as fontes digitalizadas que se encontram em arquivo nesta unidade de pesquisa, foram de suma importância para a elaboração do texto, na etapa de Iniciação Científica.

Terminada a pesquisa de Iniciação, em julho de 2007 e com o intuito de lhe dar prosseguimento no programa de mestrado, buscamos novas informações. Essa fase, que aqui denominaremos de segunda, aflorou por ocasião do Encontro Regional de História Oral, na Universidade Estadual de Mato Grosso, em Cáceres, onde realizamos uma pesquisa em documentos e jornais no Arquivo Público Municipal de Cáceres, no Centro de Documentação da Universidade Estadual de Mato Grosso e na biblioteca da instituição. Tal

trabalho consistiu na consulta de teses e dissertações sobre o Pantanal. A pesquisa no Arquivo Estadual de Mato Grosso, em Cuiabá, foi decisiva para a delimitação temporal da investigação.

Finalmente, uma segunda visita à cidade de Porto Murtinho – MS possibilitou coletar informações relevantes dos moradores e realizar uma pesquisa ainda mais extensa, abrangendo: arquivo da Câmara Municipal, Prefeitura Municipal, Museu Jaime Aníbal Barrera, Secretaria de Turismo e Cultura, Arquivo da Igreja Sagrado Coração e 2ª Companhia de Fronteira de Porto Murtinho. Nessa fase, o contato com a população, foi essencial para definir a metodologia da pesquisa. Com o levantamento e a identificação de tais fontes, foi possível efetuar uma análise preliminar das consequências provocadas pelas águas nos hábitos e costumes da população local ao longo do tempo. Tendo como base essa análise, elaborou-se o anteprojeto apresentado como requisito para a seleção no programa de mestrado.

Na continuidade da pesquisa, buscamos fontes e informações no Arquivo Histórico de Campo Grande, na Biblioteca da Embrapa, em Corumbá, no Serviço de Sinalização Náutica do Oeste no 6º Distrito Naval, em Ladário, nos arquivos da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e no Centro de Documentação da UFGD.

A proposta de pesquisa, partindo de uma problemática diferenciada, trata a enchente enquanto fenômeno natural que afeta o homem, o qual, por seu turno, elabora respostas que garantem sua presença no lugar. Considerando a particularidade e especificidade da temática, optamos por utilizar a metodologia da história oral. Por meio das entrevistas, buscamos conhecer as experiências dos sujeitos a partir de suas próprias vozes e das suas práticas cotidianas, o que possibilitou conhecer sua trajetória de vida, enquanto morador urbano no Pantanal.

As enchentes marcaram profundamente a cidade, alterando o espaço e as relações de sociabilidade da população, no período de 1970 a 1990. Nesse período, as enchentes foram de grandes proporções para a cidade, resultando na construção do dique de contenção das águas e no deslocamento da população. O recorte cronológico contempla tais eventos, considerando que, nos anos de 1974, 1979, 1982, 1988, o nível das águas atingiu e ultrapassou marcas entre 7 e 9 metros, respectivamente.

A análise e a comparação desses relatos foram utilizadas para a compreensão de questões, tais como, as relações e práticas sociais do grupo, antes, durante e depois da enchente; bem como as experiências vivenciadas pelos moradores no processo de reconstrução da cidade, contribuindo para um novo entendimento dos deslocamentos ocorridos no período das enchentes. As respostas para essas questões possibilitaram problematizar a pesquisa com a intenção de identificar as relações e práticas sociais da cidade e o estabelecimento das relações entre a sociedade, o homem e a natureza,

considerando que tais relações não apresentam caráter estático, isto é, estão sempre em construção.

Assim, surge o eixo da pesquisa: homem, sociedade e natureza em uma área singular. Nesse amálgama de relações, os homens modificam a paisagem, operam transformações, reordenam o espaço ao seu redor e são modificados por ele. Tal rede de relações não se explica apenas ou somente pelo aspecto político, mas, também, pelo aspecto social, religioso, cultural e econômico. Denominamos como relações “aparentemente” harmônicas, considerando que harmonia designa ausência de conflitos, uma combinação de elementos ligados por uma relação de pertinência, o que exige as constantes modificações e transformações operadas no meio ambiente.

Em função da temática, a disciplina de História Ambiental da América Latina 1500-2000, ministrada pelo Professor Robert Wilcox, contribuiu para as discussões dos variados temas inseridos no campo ambiental, como: região e meio ambiente, percepções, ciência e política da natureza, pecuária e meio ambiente. Possibilitou, ainda, o contato com uma bibliografia voltada para o desenvolvimento, cultura e questões ambientais. Ousamos trazer um pouco dessa discussão para o bojo da pesquisa e adentramos, timidamente, para tratar desses aspectos, percebendo que a rede de relações entre homem, sociedade e natureza não se explica apenas ou somente pelo aspecto político, mas também pelo aspecto social, religioso, cultural e econômico.

A presente pesquisa está voltada para a nova postura da historiografia contemporânea, seja no âmbito da História Cultural, seja no da História do Tempo Presente e contempla, em seu interior, alguns conceitos e aspectos da História Ambiental. Isso permite entender que a ação humana, individual ou coletiva, não é apenas um determinante identificável, ela tem significações próprias que envolvem todo um universo de crenças que intermedeiam o diálogo entre o homem e a natureza, favorece a compreensão de que essa região encerra características que ultrapassam a visão edênica do Pantanal; contemplando, em seus aspectos teóricos e metodológicos, a possibilidade de conhecer historicamente as estratégias construídas pela população em uma área tradicionalmente afetada pelas enchentes.

As etapas de produção da pesquisa incluem a definição do problema a ser investigado, pesquisa sobre a temática, seleção dos entrevistados, elaboração do roteiro de entrevistas, produção e realização de pré-entrevistas, condução e transcrição das entrevistas e análise do material. Associados, tais elementos permitem uma análise que estabelece traços de singularidade e especificidades inerentes ao tema junto aos moradores de Porto Murtinho e, também, com aqueles moradores que, no período das enchentes, deixaram a cidade e fixaram suas residências em outras cidades, como, Bela Vista, Dourados, Jardim e Campo Grande.



A escrita do texto foi sendo delineada a partir das narrativas, mas vai além de uma única fonte, pois as minudências das narrativas são entrelaçadas e convergem para a tessitura do texto final. Parece-nos relevante, no entanto, destacar que, na análise de Garrido<sup>1</sup>, “não é uma soma de entrevistas independentes entre si, mas um conjunto orgânico e coerente de entrevistas” que possibilitam o entendimento de como a população “passou” pelas enchentes e quais as estratégias criadas por ela.

Não foi tarefa fácil definir o ponto de partida para delinear a problemática da pesquisa: da análise e compreensão de dois espaços paralelos, sendo, um, a cidade historicamente constituída e, outro, uma cidade provisória, construída a partir de uma problemática local; no caso em questão, as enchentes do Pantanal. Tal fato leva a um novo arranjo social que culmina na confusão do público e do privado e tendo na construção do dique de contenção das águas um novo elemento constitutivo e modificador da urbe

A pesquisa em arquivos para localizar os documentos aqui ditos “oficiais”, que englobam as ações do Estado, esbarrou na burocracia, que os classifica como acessíveis ou não acessíveis. A escassez das fontes escritas é atribuída, pelo setor público, à própria questão das enchentes, ou seja, muitos documentos se perderam por conta das águas que invadiram os espaços onde estavam arquivados ou mesmo pela falta de cuidado para com eles, como, por exemplo, um lugar adequado com critérios organizacionais e preservacionistas para o arquivamento. Essa escassez, por sua vez, gera a fragmentação das fontes e nos colocou diante de um problema que esperamos ter suprimido, no decorrer da pesquisa. Cabe aqui recorrer a Pollak, quando lembra que “se a memória é socialmente construída, é obvio que toda documentação também o é.”<sup>2</sup> Necessário, então, observar que a utilização das fontes orais, nesta pesquisa, não se faz exclusivamente pela escassez das fontes escritas.

As fontes, como os jornais do período temporal no qual está situada a pesquisa, permitem-nos verificar que a intervenção do Estado e da União foi significativa para a região. Diante de tal importância, buscamos localizar e verificar a possibilidade de acesso aos arquivos do Exército Brasileiro e ao arquivo do Ministério do Planejamento, em Brasília; esse último mantém documentos pertencentes ao antigo Departamento Nacional de Obras e Saneamento - DNOS, que esteve à frente de todas as ações do Estado, no período.

Como uma fonte auxiliar, no desenvolvimento da pesquisa, buscamos reportagens de jornais, como: *O Momento*, *Folha da Tarde*, *Correio do Estado*, *Correio de Corumbá*, *O Pantanal*, que foram localizados e pesquisados no Instituto Luiz de Albuquerque - ILA e no Centro de Documentação da Universidade Federal, em Corumbá. Entendemos que a pesquisa nos jornais possibilita o acesso a dados de natureza diversa que incluem questões

---

<sup>1</sup> GARRIDO, J de A., *As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate*, 1993, p. 38.

<sup>2</sup> POLLAK, M., *Memória e Identidade Social*, 1992, p. 207.

como a econômica, social, política, demográfica, permitindo a análise dos múltiplos aspectos que delinearão o fato, no caso, a enchente na cidade de Porto Murinho e a construção do dique.

A utilização dos jornais, dos periódicos, das imagens, bem como dos demais documentos e relatórios, auxiliando no entendimento, possibilitou uma relação dialética entre as diversas fontes que compõem a pesquisa. Segundo Janotti, o vasto saber e a sensibilidade no trato das fontes é uma exigência necessária ao historiador, “pois delas depende a construção convincente de seu discurso.”<sup>3</sup> Portanto, todo texto tem uma historicidade e pede uma reflexão teórica para situar o leitor nas diferentes concepções abordadas e fontes utilizadas. As muitas imagens que temos são fotografias de acervos particulares de algumas famílias. Sua utilização visa situar o leitor no contexto descrito.

Os relatos orais das experiências vividas pelos moradores consistem em fonte primária e nessas narrativas buscamos entender as relações que se tecem entre homem e natureza e como se deu a construção de um novo espaço, no período das enchentes. Compartilhando da perspectiva teórica de Ferreira, quando a autora afirma que a história oral é somente “capaz de suscitar e jamais de solucionar”<sup>4</sup>, ou seja, a história oral, encarada como metodologia possível, apenas formula as perguntas e questionamentos, porém as soluções devem ser buscadas na teoria da História, que possui conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico. Nesse sentido, a história oral, como já dito anteriormente, é a metodologia viável para a realização da pesquisa, face ao fato de que tal método produz sua própria fonte documental.

A partir dos primeiros contatos com os moradores e com a Secretaria de Turismo de Porto Murinho, tornou-se possível a elaboração de um roteiro das entrevistas, contemplando pontos considerados essenciais para o entendimento das principais questões e problemas relativos ao cotidiano dos moradores no período das grandes enchentes, quando se deu o deslocamento da população desabrigada pelas águas para um acampamento provisório. Na realização das entrevistas, algumas intervenções foram feitas, apenas quanto aos temas importantes para o desenvolvimento da pesquisa, evitando, assim, interferências que causassem embaraço, prejudicassem ou viessem a induzir o narrador. Essa atitude permitiu melhor fluidez das memórias. Aqui, faz-se necessário registrar que uma entrevista de história oral deve estar pautada em princípio éticos<sup>5</sup>, e que diferença e igualdade, sinceridade e respeito<sup>6</sup> são conceitos significativos no desenvolvimento de pesquisas que utilizem fontes orais.

---

<sup>3</sup> JANOTTI, M. de L., *O livro fontes históricas como fonte*, 2005, p. 10.

<sup>4</sup> FERREIRA, M. de M. (org.), *História oral: desafios para o século XXI*, 2000, p. 14.

<sup>5</sup> PORTELLI, A., *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*, 1997, p. 13.

<sup>6</sup> Idem, p. 18.

A teia de narradores foi constituída com uma primeira indicação da Secretaria de Turismo e, a partir de então, fomos “costurando” os narradores que se entrelaçam nas memórias a partir da citação de nomes no decorrer das narrativas, nas entrevistas. As visitas à cidade levaram-nos ao contato com moradores, chalaneiros, pescadores, proprietários e funcionários dos hotéis, comerciantes, professores, funcionários públicos, enfim, formamos uma teia de narradores a partir de uma entrevista inicial com um professor aposentado. Dialogamos com a população, tanto direta quanto indiretamente, e quando as informações nos foram repassadas, nós as registramos em caderno de campo. A construção de um encadeamento de relatos, de informações permitiu-nos transitar pelas várias memórias, encontrando o fio condutor e norteador desse fragmento de história.

Os relatos orais das experiências vividas pelos moradores consistem no elo de entendimento de como se deu a construção de um novo espaço, no período das enchentes, e a resistência deles diante da possibilidade de mudança do local da cidade. Auxiliam no entendimento do processo de reconstrução da cidade e de como os moradores elaboraram e reelaboraram seus valores durante essa trajetória, estabelecendo laços de sociabilidade distintos. Contribuem para um novo entendimento dos deslocamentos e demais aspectos pontuais que intermedeiam as relações da população, nos dias atuais.

O texto está dividido em quatro capítulos, sendo que, no primeiro, apresentamos a enchente enquanto um elemento importante na configuração cultural e histórica da região do Pantanal. Amparados pela revisão bibliográfica, tratamos de tal configuração e como as enchentes e sua antítese, as secas, se constituem elemento da geografia e hidrologia da planície pantaneira e como foi descrita ao longo do tempo pela historiografia. Nesse primeiro capítulo, inserimos a discussão das relações do homem, natureza e sociedade. Os aspectos que permeiam essas relações que, aparentemente, são harmônicas, no entanto, demandam transformações, adaptações e concepções de mundo dos habitantes da cidade de Porto Murtinho. Logo, trataremos da questão que envolve o homem, a sociedade e a natureza, incluindo em partes, nessa discussão, elementos da História ambiental.

A urbe constitui o objeto de discussão do segundo capítulo. Registramos o cotidiano da população, o desenvolver de um centro urbano na orla da planície pantaneira. As dificuldades e os anseios pelos quais a cidade foi tecendo sua história, com suas especificidades em que as enchentes constituem elemento integrante dessa construção. A atividade extrativista, primeiramente da erva-mate e, posteriormente, do tanino, como fixadores de mão-de-obra indígena e paraguaia, fator que contribui para uma miscelânea cultural na região limítrofe com o Paraguai. As inundações e a necessidade dos deslocamentos para um abrigo provisório.

No terceiro capítulo, adentramos no espaço da “cidade de lona” e, assim, foi possível compreender como se deu a construção de um enredo de relações nesse espaço singular e

provisório, por ocasião das enchentes de 1979 e 1982. Muitas pessoas, no decorrer do período das enchentes, deixam a cidade, estabelecendo-se em outros centros urbanos, ocasionando um êxodo considerável atrelado a fatores econômicos que permeavam a atividade extrativista local. O rio Paraguai figura como elemento formador da identidade murtinhense que se recusa a abandonar suas margens. O intuito é mostrar a resistência dos moradores quanto à realocação da cidade e como, mais uma vez, a relação do homem com a natureza foi fator determinante para a não aceitação da mudança.

A construção do dique de contenção das águas, como elemento modificador do espaço urbano, é apresentada no quarto e último capítulo. O pano de fundo é a resistência dos moradores em abandonar as margens do rio Paraguai. Na ocorrência da enchente de 1982, a União e o Estado sinalizaram com a possibilidade da mudança da cidade para o local onde havia os alojamentos, ou seja, mudar a cidade definitivamente para o local da “cidade de Iona”. Buscamos apresentar, também, como a inserção do dique transforma a paisagem da cidade e a postura assumida pela população diante de tais mudanças. Para os moradores, o dique construído difere da planta original, e as mudanças efetuadas podem trazer graves consequências para a cidade, na ocorrência de uma nova enchente de grandes proporções.

O processo de construção do conhecimento histórico sobre as enchentes, em Porto Murtinho, a “cidade de Iona”<sup>7</sup> e a construção do dique de contenção das águas, ultrapassa a questão da veracidade das fontes, que não falam por si, mas revelam respostas de questões, implicando, basicamente, na descoberta do seu significado, enquanto elemento constitutivo do conhecimento em constante construção, no seu caráter contestatório das explicações simplistas do fato. Para tanto, cabe ao historiador a busca de dados, de fragmentos, rastros, pistas deixadas “através de seu esforço minucioso de decodificação e contextualização de documentos, pode chegar a descobrir a ‘dimensão social do pensamento’<sup>8</sup>.” Articular, separar, perguntar, imaginar nos vazios, ler nas entrelinhas, perguntar aos silêncios, rearticular e reviver na elaboração de um mapa mental uma trajetória, os movimentos, os vestígios e captar que na tessitura das entrelinhas a cidade nas teias do seu traçado, os marcos de memória, contidos sempre no dizer mais e/ou menos que o vivido de cada elemento do conjunto que o comporta. É tarefa do historiador perceber que trazem uma intencionalidade, seja de quem as produziu ou mesmo o que escondem nas suas entrelinhas. Mattoso ressalta que “os documentos só têm sentido quando inseridos numa totalidade, que é a existência do homem no tempo.”<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Como ficou conhecido o local onde foram construídos alojamentos para os desabrigados pelas enchentes de 1979 e 1982.

<sup>8</sup> CHALOUB, S., *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*, 1990, p. 16.

<sup>9</sup> MATTOSO, J., *A escrita da história: teorias e métodos*, 1998, p. 17.

A descrição do fato pelo fato não corresponde à explicação do contexto histórico analiticamente, todavia, o domínio de conceitos vai propiciar credibilidade à pesquisa, mas não a engessando. Ousamos viabilizar uma análise com critérios científicos pautados no conhecimento de forma ampla e completa, em que a teoria vai além da plasticidade.

Apresentamos a escritura final do texto, resultante de um trabalho de múltiplos esforços intelectuais que se contrapõem, convergem e, somados às fontes e às conexões possíveis de bibliografia produzidas sobre a temática e/ou concernentes a ela, articulam o desenrolar de novas pesquisas que tragam em seu bojo a relação homem, sociedade e natureza, amparadas por um campo teórico-metodológico, articulado com o dinamismo não apenas do homem, mas, também, da História.

# 1 - O CICLO DAS ÁGUAS: UM MAR EM XARAIES

## 1.1 Aspectos históricos e características ambientais da região pantaneira

A abordagem temática desta pesquisa, no campo histórico, em questão, segue pela perspectiva da História Cultural, que se afirma com uma contribuição de procedimentos e conceitos da história, da literatura, da teoria literária e da antropologia, revelando, assim, características interdisciplinares que permitem maior embasamento e uma forma distinta de diálogo. Segundo Pesavento<sup>1</sup>, é importante entender que a História Cultural não é uma "virada de mesa" com relação aos pressupostos teórico-metodológicos, mas uma nova abordagem, um novo olhar que se apoia sobre as análises já realizadas e, que, por sua vez, avança dentro de um determinado enfoque.

A História Cultural soma-se ao conhecimento acumulado, porém não ignora a matriz teórica, fruto de uma reflexão cumulativa<sup>2</sup>. Nesse aspecto, suscita novas abordagens com enfoque nos mecanismos de recepção das práticas culturais e das representações, e dos processos comunicativos, em todos os seus aspectos na historiografia. Na análise de Falcon, "não é, ou não deveria ser, uma simples denominação aplicada a um campo de estudos constituído de objetos e/ou temas específicos aos quais corresponderia determinado lugar no plano da realidade histórica."<sup>3</sup>

Ao apresentar a discussão, o autor sugere que a História Cultural, "uma vez concebida como um campo de múltiplos temas e saberes, "pode ser pensada como "um leque disciplinar ora como área de investigação interdisciplinar ou mesmo metadisciplinar, capaz de dar conta de todas as práticas e representações sociais."<sup>4</sup> Em conformidade com Veloso, "uma das questões centrais trazidas pela História Cultural é a expansão da memória social, possibilitando incessantes releituras do passado."<sup>5</sup>

Parte-se da ideia do conjunto de acontecimentos construídos pelo homem ao longo do tempo para a compreensão do universo que o circunda, permitindo questionamentos relacionados à forma de como foram vivenciadas algumas experiências em suas particularidades. No entanto, sinaliza para uma abordagem cujos enfoques contemplem os mecanismos de representações e de processos comunicativos em vários aspectos, dentro do campo historiográfico.

Ao abordar uma problemática cada vez mais presente no campo da História, o desafio foi construir uma análise em que o significado da experiência vivida pelos sujeitos e

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, S.J., *Muito além do espaço: por uma História Cultural do urbano*, 1995, p. 280.

<sup>2</sup> Idem, p. 280.

<sup>3</sup> FALCON, F. J. C., *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*, 2002, p. 80.

<sup>4</sup> Idem, p. 105.

<sup>5</sup> VELOSO, M. P., *Triunfo às ondas do mar: Linguagens e espaços urbanos no Rio de Janeiro*, 2004, p. 193.

os valores elaborados ou reelaborados por eles possam levar à percepção de que as experiências históricas e sociais acumulam-se e expressam-se em forma de valores, imagens, crenças e sentimentos acerca de si e do espaço no qual estão inseridos. Tal análise oportuniza o entendimento das enchentes como um fenômeno natural do Pantanal, um fator propulsor de mudanças, de busca de estratégias que possibilitem uma interação e permanência no ambiente, bem como uma leitura do homem e da natureza no Pantanal.

A pluralidade de abordagens suscita diferentes compreensões do mesmo fato<sup>6</sup> e permite examinar, através dele, o desenrolar de um processo que envolve a produção e a difusão cultural, em que os sistemas produtivos dão o suporte aos processos e aos sujeitos<sup>7</sup>, visto que as “normas” que perfazem essa sociedade, quando produz cultura, estão alicerçadas na consolidação de seus costumes e crenças. Muitas são as dúvidas frente a essa dimensão complexa, múltipla, que gera aproximações e apropriações em diversos níveis da vida humana.

A História Cultural articula enfoques possíveis para o historiador, possibilitando que decifre, ao menos em parte, essa complexidade que se formula na produção e recepção das práticas culturais, visto que a história “é o produto de um lugar.”<sup>8</sup>. Hunt, ao descrever que “todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo”<sup>9</sup>, mostra que o entendimento dessas práticas culturais podem ser classificadas pelo modo como, em uma determinada sociedade, os homens, em seus usos e costumes, pensam, falam e se relacionam, seja solidariamente, seja com hostilidade, enfim, como preservam suas memórias e suas relações individuais com o meio no qual estão inseridos. Nesse caso, a relação entre homem sociedade e natureza, que se apresenta como uma relação aparentemente harmônica, no entanto, é dinâmica, devido às ações e às transformações ocorridas ao longo do processo histórico. Assim, segundo Worster,

Os seres humanos participam dos ecossistemas tanto como organismos biológicos aparentados com outros organismos quanto como portadores de cultura, embora raramente a distinção entre os dois papéis seja precisa.<sup>10</sup>

Nessa análise, é possível perceber que a paisagem física e a paisagem humana possuem uma história que se mantém preservada e inscrita na memória daqueles que tecem essa rede de relações. Assim, homem e natureza fazem parte de um sistema que se enreda e se recompõe confluindo numa unidade que podemos aqui denominar de original.

---

<sup>6</sup>CHARTIER, R., *O mundo como representação*, 2002, p. 66-67.

<sup>7</sup> Idem, p. 73.

<sup>8</sup> CERTEAU, M. de., *A operação historiográfica*, 1982, p.73.

<sup>9</sup> HUNT, L., *A nova História Cultural*, 1995, p.25.

<sup>10</sup>WORSTER, D., *Para Fazer História Ambiental*, 1991, p.206.

Por conseguinte, uma paisagem, tanto física quanto cultural, pode ser a resultante de uma ação humana, visto que a natureza não é externa ou imóvel.

Porto Murtinho, um centro urbano no Pantanal, preserva em suas particularidades traços inerentes à região pantaneira. Traços estes que fazem parte em suas superstições, implícitos nas canções, nos causos, nas marcas das cheias nas paredes de suas casas, na culinária, nos costumes e nos hábitos particulares e peculiares da região. Portanto, falar das enchentes em Porto Murtinho não é apenas contar uma historinha datada e factual, mas captar, nas entrelinhas, a construção histórica e social da região pantaneira, na qual esse centro urbano está inserido.

Encontramo-nos diante de uma questão que implica maior atenção. Tanto as enchentes como sua antítese, as secas, ambas periódicas na região, trazem consequências graves para esse espaço pantaneiro. Porém, existe uma distinção em relação a elas. Analisar essa oposição permite melhor compreensão dos aspectos norteadores para a região. Segundo Silva Leite,

[...] encanto e natureza mesclam-se, portanto nesta percepção do mundo que insistimos em chamar de natural, do mundo fabuloso retido nas construções do imaginário. Mas é também de notar que paisagens inteiras se constroem na relação de linguagens e de sistemas míticos e ou narrativos.<sup>11</sup>

Conhecer melhor essa relação, a partir de experiências de muitas vidas, favorece o entendimento da história pantaneira. É, ainda, uma forma de entender que a região encerra muitas características que ultrapassam, sobremaneira, a visão midiática que significa a região como um paraíso de espécies animais, reserva da flora e fauna, alienando, em boa medida, dessa representação, o homem e sua história.

Faz-se necessário perguntar qual é a imagem que construímos sobre esse Pantanal. Como nominá-lo ante as transformações pelas quais é submetido cotidianamente, tendo, inclusive, sua geografia alterada pelas águas que, em muito, contribuem para a construção de imagens paradisíacas. Em que medida é possível pensar como Mário César Silva Leite quando, na obra *Águas encantadas de Chacororé*, ao imprimir suas primeiras imagens sobre o Pantanal, diz: “e fiquei com aquele nome sem coisa, aquele nada com nome, um lugar sem representação. Um vazio chamado Pantanal. Uma beleza sem materialidade, um espectro indescritível.”<sup>12</sup>

Caso consideremos a insistência imagética da mídia, hoje, perceberemos que, para muitos, esse espaço continua com a mesma configuração impressa pelo autor. Uma não representação, um nome sem coisa, no entanto, preenchendo todas as imagens, digamos,

---

<sup>11</sup>SILVA LEITE, M.C., *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p. 17.

<sup>12</sup> Idem, p.34.



um nada com nome. Buscamos aqui a pertinência das palavras de Leite quando observa que “o homem que constrói representações acerca do Pantanal também desenvolve conhecimento sobre como viver e sobreviver na região; codifica e decodifica a paisagem da qual ele também é componente, personagem e ator.”<sup>13</sup> A interação do homem com a natureza se dá na medida em que essa atende aos seus propósitos, não se excluindo ou negando que existe uma relação de domínio ou de sobreposição.

A título de exemplo, não são raras aquelas pessoas que preenchem o espaço pantaneiro, com índios, onças, jacarés e tuiuiús, como uma natureza imóvel e intocada, acompanhada de um considerável “exército” de exotismo compondo a fauna. Do mesmo modo que outros o preenchem com mitos e lendas, um santuário ecológico, misturando a realidade com ficção, delineada por uma enormidade de coisas sem nome. Historicamente, construíram-se representações de um ambiente em que o nome sem coisa foi preenchido paulatinamente pela mídia e pelo imaginário do homem, alheio à realidade do espaço em discussão.

Encontramos ideia similar em Moretti<sup>14</sup>, ao descrever a venda da imagem do Pantanal para fins de atividade turística. Isso veio se desenvolvendo gradativamente na região, a partir da década de 1970. O Autor aponta que o Pantanal “é apresentado para o mundo como um lugar natural, embora artificializado, ou seja, esse lugar tem como característica a presença de elementos da natureza, mas se encontra deslocado do real.”<sup>15</sup> E, obviamente, as águas preenchem, em grande parte, esse imaginário, tal a sua voluptuosidade, tamanho e encantamento. Entretanto, podemos pensar, segundo a concepção de Leite, que “a ânsia e o desejo pelo paraíso, sensação que compartilhamos com o imaginário medieval-renascentista [...] vai ao encontro da indústria do ecoturismo e, sobretudo das empresas de turismo [...]”<sup>16</sup> O Autor legitima tal colocação, se pensada a partir da ótica do capitalismo.

Edenizar, nesse caso, torna-se um conceito integrante dos mitos pós-modernos necessários para o não empobrecimento do universo simbólico que partilhamos, em uma sociedade que se encontra apática ao se deparar com as mobilizações que geram inquietações frente a questões que englobam a biodiversidade, os problemas ambientais e o valor adquirido por eles, nos últimos anos. Como exemplo, citamos a apropriação do “espaço/natureza” e sua transformação em “espaço/mercadoria.”<sup>17</sup> Notemos que, de acordo com o autor, “ a realidade desse espaço importa menos que o sistema de imagens que ele

---

<sup>13</sup> LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos Pantanaís*, 2005, p. 167.

<sup>14</sup> MORETTI, E. C., *Paraíso Visível e Real Oculto*, 2006, p.17.

<sup>15</sup> Idem, p.18.

<sup>16</sup> LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos Pantanaís*, 2005, p. 173.

<sup>17</sup> GARMS, A., *Pantanal: o mito e a realidade*, 2004, p. 1.

evoca e que responde a toda cultura de consumo que, para tanto, se elaborou.”<sup>18</sup> No caso específico do Pantanal, a imagem comercializada é do mosaico das águas espraiadas.

Para Diegues, “as águas estão no centro de uma das mais ricas e complexas simbologias criadas pelo homem.” O autor classifica em três temas dominantes as significações simbólicas. São elas: a água enquanto fonte de vida, água como meio de purificação e água sendo elemento de regeneração.<sup>19</sup> A água é uma das condições básicas para a reprodução dos organismos vivos e que, ao mesmo tempo, “se inscreve no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados.”<sup>20</sup> Nesse contexto, “a água está, assim, na natureza, e a um só tempo, na cultura. Está nos mitos e na história.”<sup>21</sup> Encontramos ideia similar na obra, *A água e os sonhos*, de Gaston Bachelard, quando esse autor se dedica, capítulo após capítulo, a falar das “águas claras às águas brilhantes que fornecem imagens fugidias e fáceis; da água substancial à água sonhada em sua substância; das águas profundas e duradouras, água violenta .”<sup>22</sup> Outra característica, estudada pelo autor, é a atribuição da água ao feminino, à maternidade, fonte de um nascimento contínuo, a associação da água à pureza.

A ocorrência das enchentes, enquanto fenômeno cíclico no espaço que compreende o Pantanal, traz a ambiguidade, uma “possibilidade de criação da vida”<sup>23</sup> e, ao mesmo tempo, um elemento de destruição, de desgaste. Essas observações permitem mostrar que “essa ambivalência, típica de todos os símbolos, pode ser vista sobre dois planos opostos, mas não irreduzíveis: as águas como fonte da vida e da morte, criadora e destruidora.”<sup>24</sup>

Notemos, nesse contexto, que a ação gradual do homem, enquanto sujeito que atua como elemento de intervenção, tem, como resposta de suas ações, as transformações, seja ambiental ou demográfica, na organização social do objeto. Nesse caso, o Pantanal é deixado de fora desse imaginário com nuances midiático e paralelamente a esse fato, o homem é alijado desse espaço.

O alijamento está associado à ideia do “paraíso ecológico”, sacrário para a flora e a fauna, não para o homem. Participamos inteiramente da opinião de Leite, ao ressaltar o fato de que a edenização do Pantanal configura-se como “um mito pós-moderno, do interior do qual, a natureza pode ser separada do homem.”<sup>25</sup> E, nesse imaginário midiático, as águas são o elemento que encerra significados e atuam como evocadoras de múltiplos aspectos,

---

<sup>18</sup> Idem, p. 2.

<sup>19</sup> DIEGUES, A. C., *Os ex-votos marítimos da sala de milagres da Basílica do Senhor Bom Jesus de Iguape*, 2000, p. 159.

<sup>20</sup> CUNHA, L. de O., *Significados múltiplos das águas*, 2000, p. 15.

<sup>21</sup> Idem, p. 16.

<sup>22</sup> BACHELARD, G., *A Água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 14-15.

<sup>23</sup> CUNHA, L. de O., *Significados múltiplos das águas*, 2000, p. 159.

<sup>24</sup> Idem, p. 159.

<sup>25</sup> LEITE, E. F., *Do Éden ao Pantanal: considerações sobre a construção de uma representação*, 2008, p. 148.

tanto materiais quanto imaginários, inscrevendo-se no domínio do simbólico.<sup>26</sup> Será ousadia dizer que a água, no caso das enchentes cíclicas no Pantanal, traz em si o limite e o encantamento, visto que atua como elemento portador de dualismo em sua significância e simbolismo.

Em sua análise, Kuhlmann, ao se referir aos ciclos das águas no Pantanal, salienta que o

[...] que mais impressiona é a alternância dos fenômenos climáticos. Excessiva umidade, durante a estação chuvosa é sucedida por meses de secas extremas, em que a falta d'água se alia a temperatura excessiva.<sup>27</sup>

Essa primeira impressão sobre o espaço pantaneiro foi, de maneira lenta e gradual, inserindo-se e formatando a região. O Almanaque Comercial Mato-Grossense pontua, ao tratar do clima e da salubridade do Pantanal, que são duas as estações dominantes e distintas: a da seca e a das chuvas. E continua: “não são privativos nem peculiares aos pântanos de Mato Grosso tais condições de salubridade.”<sup>28</sup> Prosseguindo na descrição do ambiente, completa que a condição ambiental encontrada é a mesma de outras regiões, “lá onde não se apresentou ainda o homem como quanto baste de actividade e indústria para modificar a ação deletéria da natureza.”<sup>29</sup>

Ante esse fato, é possível perceber que a ação modeladora do homem é tida como substancial para a representatividade do ambiente, em questão. A apropriação espacial está estreitamente ligada a toda uma estrutura organizacional, tanto econômica quanto cultural e social. Essa modelagem está calcada por valores que suplantam o economicismo, mas que contempla em seu interior aspectos que privilegiam os estereótipos construídos historicamente que servem como base para as transformações geradas pelo homem, estabelecendo uma “falsa harmonia”, maquiadora de tais transformações. Ao falar sobre a relação harmônica do homem com o ambiente, Albana Xavier ressalta que “não se pode ignorar que o homem é o sujeito de todas as ações capazes de interferirem direta ou indiretamente nos ecossistemas.”<sup>30</sup>

Isso posto, percebe-se a construção de um sistema simbólico que atua e interage com o imaginário que delinea o espaço pantaneiro, transformando e tangenciando as relações do homem com a natureza, com o ambiente em si e com os elementos que o margeiam. No texto, *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, Leite chama a atenção para a problemática que envolve o meio ambiente pantaneiro e o homem. Para o

---

<sup>26</sup> CUNHA, L.H de O., *Significados múltiplos das águas*, 2000, p. 15.

<sup>27</sup> KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso. Seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 110.

<sup>28</sup> COMMERCIAL *Almanach Mato-Grossense*, 1916, p.91.

<sup>29</sup> *Idem*, p. 92.

<sup>30</sup> NOGUEIRA, A. X., *Pantanal: Homem e cultura*, 2002, p. 30.

autor, é preciso perceber que “essa interação é parte significativa da identidade regional.”<sup>31</sup> Ressalta, ainda, que enfrentamentos entre homem e natureza foram constantes para o estabelecimento e permanência do homem na região.<sup>32</sup> É preciso considerar, segundo o autor, que o desenvolvimento de atividades econômicas foi acompanhado pela natureza e suas particularidades e especificidades, como as enchentes e as secas, fenômenos inerentes da planície pantaneira.<sup>33</sup>

Porto Murtinho, assim como outras regiões do Pantanal que são atingidas pelas águas, constitui-se numa reserva biológica, onde o homem tem sua participação como um elemento integrante dessa natureza nos ciclos das águas. As transformações e adaptações operadas nesse ambiente são mútuas e singulares e podem estar alicerçadas numa cultura “rústica”, por assim dizer, no conhecimento empírico, nas crenças e costumes, nos hábitos tão particulares da região, que atuam como agentes desse processo de interação. Segundo Leite, “esses elementos formam o conjunto que integra a caracterização do Pantanal.”<sup>34</sup> O que ocorre é uma simbiose que engloba o homem, a natureza e a cultura.

O Pantanal, classificado como a maior área alagável conhecida, localiza-se na Bacia do Alto Paraguai, na porção Centro-Sul do Continente Sul Americano, abrangendo os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Situa-se entre 15°8' e 22° de latitude S e entre 55° e 59° de latitude W, com uma extensão de 140.000 Km<sup>2</sup>, integra o conjunto de áreas úmidas mundiais situadas geograficamente em vários pontos do planeta.<sup>35</sup> É relevante ressaltar que, face aos estereótipos construídos historicamente e socialmente em relação ao Pantanal, ele foi declarado Patrimônio Nacional, pela Constituição Brasileira de 1988 e, em 2000, considerado, pela Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), como uma região intocada, posta prioritariamente para a conservação ambiental que se interliga a um sistema maior de áreas úmidas da grande Depressão da América do Sul. Ante essa designação, atribui-se aos Pantanaís o “*status*” de patrimônio da humanidade.<sup>36</sup>

O estereótipo construído do Pantanal como um “paraíso”, para Rossetto, transmite a ideia de que as sociedades que habitam tais pantanaís “vivendo temporalidades específicas”<sup>37</sup> não provocam alterações substanciais como a introdução de novos elementos e técnicas que permitam a sua continuidade no referido espaço. Não há a menor possibilidade de se pensar que os habitantes das planícies pantaneiras mantiveram esse

<sup>31</sup> LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanaís*, 2005, p. 168.

<sup>32</sup> LEITE, E. F., *Do Éden ao Pantanal: considerações sobre a construção de uma representação*, 2008, p. 148.

<sup>33</sup> Idem, p. 148.

<sup>34</sup> Idem, p. 179.

<sup>35</sup> VILA DA SILVA, J. dos S.; ABDON, M. de M.; SILVA, M. P. *Levantamento do desmatamento no pantanal brasileiro até 1990/91*, 1998b, p. 1739.

<sup>36</sup> ROSSETTO, O. C., “*Vivendo e mudando junto com o Pantanar*”: um estudo das relações entre as transformações culturais e a sustentabilidade ambiental das paisagens Pantaneiras, 2004, s/p.

<sup>37</sup> Idem, s/p.

ecossistema estanque, vivendo em harmonia com a natureza, sem que essas “comunidades” adentrassem no processo gradual da “modernidade”, aqui pensada como transformações que possibilitam o desenvolvimento de atividades, como a pecuária e o turismo.

Estamos diante do primeiro equívoco ao qual o Pantanal é exposto diariamente pela mídia mundial. Estereótipo de “paraíso intocado,” um santuário ecológico livre das constantes transformações pelas quais passa cotidianamente toda a extensão terrestre. Como salienta Costa, as imagens paradisíacas construídas pelos viajantes setecentistas, “homens profundamente cristãos,”<sup>38</sup> e que, de certa forma, perduram no imaginário midiático, ou seja, essas imagens criadas anteriormente, hoje se encontram arraigadas e multiplicadas diariamente no imaginário contemporâneo. Ainda em conformidade com a autora,

[...] foi o olhar destes homens que fixou e definiu imagens que, em muitos casos, ainda persistem no imaginário contemporâneo. Eles transmitem um estranho encantamento; o espaço é ao mesmo tempo hostil, fantástico e paradisíaco. Lugar de homens, animais e ambiente totalmente estranho. Sua paisagem é algo indefinível. O equilíbrio entre secas e cheias desfigura os contornos da paisagem e cria uma geografia móvel.<sup>39</sup>

A visão paradisíaca do Pantanal, ostentada diariamente pela mídia, está estreitamente relacionada à idealização da natureza, no Brasil, que está enraizada, por sua vez, na memória da sociedade, que compreende a natureza “como portadora de riquezas infinitas e inesgotáveis, dada a exuberância da vegetação, abundância da água, diversidade da flora e da fauna, fertilidade dos solos, entre outros aspectos.”<sup>40</sup>

O Pantanal, apresentado em âmbito midiático, como um espaço de rara beleza, paraíso idílico, figura como alvo de ações preservacionistas por parte das esferas de poder local, Estadual e Federal. Entretanto, podemos pensar que, ante a complexidade do ambiente e das transformações pelas quais tem passado, de acordo com Moretti, é possível visualizar “um lugar com diferentes facetas: aquele que é transformado em símbolo para ser vendido e aquele construído pela sociedade local, através de sua história, o real.”<sup>41</sup> Estas observações de Moretti estão, de certa forma, concatenadas com as pontuações de Bergier, ao sinalizar que

[...] a mudança do clima deverá repercutir, ainda neste século, na dinâmica e estrutura de ecossistemas e sociedades em todo o mundo. O Pantanal carece de conhecimento a respeito dos possíveis efeitos da mudança

---

<sup>38</sup> COSTA, M. de F., *História de um país Inexistente: Pantanal entre os séc. XVI e XVIII*, 1999, p.63.

<sup>39</sup> Idem, p. 64.

<sup>40</sup> MARTINEZ, P. H., *Brasil: desafios para uma história ambiental*, 2005, p.31.

<sup>41</sup> MORETTI, E. C., *Paraíso Visível e Real Oculto*, 2006, p.18.

climática sobre os ecossistemas regionais e atividades sócio-econômicas vigentes (agropecuária, pesca, turismo, mineração).<sup>42</sup>

Nesse contexto, designar o Pantanal como área de preservação não é um ato explicativo, suficiente pela força da expressão. Trata-se aqui da necessidade de entender o longo processo de formação dessa região e procurar explicações que contemplem os diversos pantanais sem alijar o homem, elemento participante e constitutivo desse processo, considerando uma complexa interação entre processos naturais e humanos. De modo menos sintético, Leite apresenta a seguinte leitura do ambiente:

[...] um Pantanal que existe na vida e no imaginário e que se projeta ou retrocede, captando antigas e novas linguagens, ecossistemas, formas de estar no mundo, analogias, similitudes, crenças, medos, esperas, descobertas, tipos humanos, narradores em plenitude, e na revelação de seus impasses.<sup>43</sup>

Concepção essa muito distante da realidade deparada cotidianamente pelos habitantes da região. Não se pode negar a pertinência das palavras de Rosseto, ao observar que ocorrem “alterações substanciais nos papéis desempenhados pelas identidades sociais pantaneiras no contexto da estrutura produtiva.”<sup>44</sup> A fim de compreender melhor o problema, a autora acrescenta que “as transformações no Pantanal estão relacionadas à dinâmica atual de reprodução e expansão do modo capitalista de produção e ao processo de globalização como um novo fenômeno de reestruturação produtiva da economia mundial.”<sup>45</sup>

Ao descrever o processo de implantação e desenvolvimento de um núcleo fronteiro, em Mato Grosso, Corrêa ressalta que “portugueses e espanhóis acabariam por disputar uma região central da América do Sul, ainda desocupada e mal avaliada em seu potencial estratégico e em suas riquezas naturais a serem exploradas.”<sup>46</sup> A preocupação inicial dos portugueses foi com a ampliação dos territórios na zona fronteira com o intuito de “dominar” o curso dos principais rios na região: Paraná, Paraguai e Guaporé, “considerados vitais à sobrevivência da longínqua região mato-grossense.”<sup>47</sup> A autora escreve que as atenções se voltam para o norte, no intuito de preservar as zonas de mineração, mantendo, assim, a segurança e a vigilância constante da região. A região ao sul passou a ser considerada em função de uma possível invasão castelhana na região e, além disso,

---

<sup>42</sup> BERGIER I. et al. *Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas*, 2008, p. 8.

<sup>43</sup> SILVA LEITE, M. C., *Águas encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p. 18.

<sup>44</sup> ROSSETTO, O. C., “Vivendo e mudando junto com o Pantanal”: um estudo das relações entre as transformações culturais e a sustentabilidade ambiental das paisagens Pantaneiras, 2004, s/p.

<sup>45</sup> Idem, s/p.

<sup>46</sup> CORRÊA, L.S. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*, 1980, p. 15.

<sup>47</sup> Idem, p. 16.

[...] compreendia também os pantanais do rio Paraguai que, mais cedo ou mais tarde, viriam a ser disputados por suas potencialidades estratégicas naturais, sobretudo sendo formados por terrenos extremamente propícios ao desenvolvimento da pecuária.<sup>48</sup>

Partindo do exposto, e para uma melhor compreensão, são pertinentes as palavras da autora, quando analisa que “o Pantanal mato-grossense começou então a ser mais intensamente ocupado com a abertura de fazendas de criação de gado, cujo núcleo inicial surgira nos arredores de Cuiabá no Século XVIII.”<sup>49</sup> Em *Retrospectiva Histórica do Pantanal*, Lécio Gomes pontua que, até então, “o Pantanal continuava praticamente ignoto ou timidamente palmilhado por alguns mais afoitos, assim mesmo somente na periferia.”<sup>50</sup>

O Pantanal foi descrito como um dos obstáculos enfrentados pelas Monções e Bandeiras que adentraram pelos sertões a procura de ouro e apresamento de índios.<sup>51</sup> Queiroz cita o clássico estudo de Sérgio Buarque de Holanda ao descrever sobre o tema, analisando que

[...] as monções constituíram uma inovação, em relação aos antigos meios de locomoção dos aventureiros paulistas que, como foi dito, desde um século antes se dirigiam para essa região. Sabe-se de fato que, em suas incursões pelos sertões de aquém e além-Paraná, tais aventureiros (bandeirantes) preferiam as marchas a pé.<sup>52</sup>

Somente com a criação da Província de Mato Grosso, a região passa a pertencer definitivamente à coroa portuguesa, isso em função da “ocorrência de um importante evento: a casual descoberta, em 1718, de ricas jazidas de ouro de aluvião [...] Tal descoberta acarretou notáveis mudanças na história de toda a região.”<sup>53</sup> E, segundo o autor, estava “associada a atividade predadora” dos bandeirantes, no início do Século XVIII. As mudanças se iniciam com um processo efetivo de povoamento, inicialmente pelos brasileiros e portugueses. Atrelado a esse fato, ou seja, à descoberta das jazidas, está o despertar do governo português pela região, visando sua efetiva posse.

A partir dessa descoberta e ao longo do tempo, muitos foram os elementos que caracterizaram a região. Com a promessa de enriquecimento rápido, muitos são atraídos para a região de Cuiabá e o referido arraial dá base para a conquista territorial portuguesa da região. Aliada à mineração, desenvolve-se a atividade agropecuária com a finalidade de abastecer a população que ali se instalou por ocasião da descoberta do ouro. Contudo, a

---

<sup>48</sup> Idem, p.18.

<sup>49</sup> Idem, p. 39.

<sup>50</sup> SOUZA, L. G. de. *Retrospectiva Histórica do Pantanal*, 1986, p. 199

<sup>51</sup> QUEIROZ, P. R. C. *Vias de transporte e comunicação no sul do Mato Grosso colonial: Projetos e realidades*, 2006.

<sup>52</sup> QUEIROZ, P. R. C., *Vias de transporte e comunicação no sul do Mato Grosso colonial: Projetos e realidades*, 2006, p. 3

<sup>53</sup> Idem, p. 4.

criação bovina espalhou-se pelos pantanais, onde encontrou um ambiente propício para seu desenvolvimento.

Nesse período, o que temos na história de Mato Grosso são descrições do processo colonizador e explorador.<sup>54</sup> São as narrativas das sagas bandeirantes que adentraram os sertões longínquos em busca de jazidas auríferas.<sup>55</sup> Nas palavras de Amorim, “a ambição do ouro foi que descobriu e desbravou Mato Grosso”<sup>56</sup>, e completa, “os bandeirantes não viam obstáculos diante de si. Atravessavam rios, combatiam índios, venciam as febres. Domavam a natureza.” As consequências das atividades mineradoras são sentidas em todas as regiões que dela fizeram uso. Kuhlmann ressalta que, “sem base agrícola, o garimpo deixa em sua passagem taperas, núcleos humanos decadentes e estagnados.”<sup>57</sup> O impacto visual é desolador, acrescenta-se o assoreamento e contaminação dos rios, o desvio dos cursos d’água, a erosão descaracteriza a paisagem natural, comprometendo o ciclo natural reprodutivo de peixes e plantas.

Antes da chegada de espanhóis e portugueses – que, por longa data, disputaram essas planícies - a planície inundável, conhecida como Pantanal, foi habitada por nações indígenas, como, os Bororo, Guató, Paiaguá, Guaicuru, Cadiuéu, entre outras. É preciso reconhecer, nesse caso, que os maiores obstáculos que se apresentaram para a exploração e reconhecimento do Pantanal foi “a presença constante do índio, sempre atento e hostil aos penetradores,”<sup>58</sup> com isso, tornavam as incursões, pelo seu interior, morosas, por isso o avanço deu-se paulatinamente. Já no século XVI, ficou conhecida pelos viajantes como um lugar edênico e, ao mesmo tempo, como um inferno, devido ao número de dificuldades enfrentadas e às enchentes que inundavam toda a região.

O isolamento geográfico da região, ou seja, a distância da região em relação aos núcleos de povoamento litorâneos, aliado aos obstáculos da própria natureza no período das cheias, fizeram com que as tentativas de fixação, do não indígena, na região, somente fossem possíveis dois séculos mais tarde. Além disso, o contato com os índios, muitas vezes, não se configurava de forma pacífica, o que levou a coroa espanhola a se afastar da região. As primeiras concentrações urbanas são delineadas em meados do Século XVIII, em lugares estratégicos, avizinhados das fronteiras espanholas. Um efetivo processo de ocupação e povoamento não indígena, na região que compreende o Pantanal, só foi iniciado

---

<sup>54</sup> TAUNAY, Affonso d’E [1981]. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981; LEVERGER, Augusto [1975]. *Vias de comunicação de Mato Grosso*. 2. ed. Fac-símile da edição de 1905. Cuiabá: UFMT, 1975; LUCÍDIO, J. A. B. [1993]. *Nos confins do Império um deserto de homens povoado por bois: a ocupação do Planalto Sul Mato Grosso, 1830-1870*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói; HOLANDA, S. B. [1990] *Monções*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

<sup>55</sup> AMORIM, A., *Viagem pelo Brasil; do Rio ao Acre. Aspectos da Amazônia, do Rio a Mato Grosso*, 1913, p. 467.

<sup>56</sup> Idem, p. 467.

<sup>57</sup> KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 114.

<sup>58</sup> SOUZA, L.G. de., *Retrospectiva Histórica do Pantanal*, 1986, p. 199.



efetivamente em meados do Século XIX, estimulado pela abertura da navegação do rio Paraguai, que se apresentou como uma nova alternativa econômica que possibilitava “a implantação da atividade mercantil em grande escala com base na exportação de alguns gêneros de produção regional e na importação de todas as mercadorias que atendessem ao seu consumo.”<sup>59</sup>

É nesse ambiente, e com a chegada do homem branco europeu, que a relação do colonizador com a natureza apresentou sua face mais dura, considerando que o processo de colonização e de povoamento efetivo da região, teve sempre a natureza como um dos obstáculos mais latentes.

Durante séculos foi um lugar escondido, inicialmente porque a sua imagem de riquezas fabulosas o colocava como objeto de cobiça [...] As bandeiras paulistas e o ouro cuiabano, mesmo transformando-o em caminho fluvial, procuram também mantê-lo em segredo, por ser um território conquistado [...] o fato de ser oculto lhe garantiu sobreviver com uma geografia fantástica e assim permanecer até o final do século XVIII.<sup>60</sup>

Os moldes eurocêntricos marcaram a ideia de civilização no início do século XIX e estavam alicerçados em um polo oposto, a barbárie. Nessa “construção” de civilização na América Latina, a superioridade do homem se sobressaiu a terra e aos animais. A ideia civilizatória era pautada na dominação para possíveis transformações graduais, lentas, progressivas e impactantes, o que modificou drasticamente o meio. O éden, então, transforma-se no inferno, na visão esplendorosa eurocêntrica. O local, inicialmente concebido como lugar de sonhos, agora aflora como temível pesadelo. Além da grande resistência indígena para evitar sua ocupação, a natureza tenta impedir o avanço colonizador: mosquitos, predadores e felinos defendem seu habitat natural.

A ação antrópica atua em um processo acelerado de degradação ambiental, nos Pantanaís mato-grossenses. O aproveitamento dos recursos é dado pelo extrativismo e domesticação, figurando como formas únicas para tal intento e como aspectos importantes na relação do homem e natureza. Com a chegada do europeu, inicia-se uma transformação ambiental mais agressiva e danosa para a planície pantaneira. Findou-se o fascínio da natureza selvagem dos trópicos sobre os europeus.<sup>61</sup> Entretanto, é importante lembrar que ainda que o Mar de Xaraies adquirisse uma aura idealizada, em consonância com a cosmovisão renascentista, o processo histórico tratou de, paulatinamente, consolidar outras expectativas em relação ao Pantanal. Notemos que, quando pensada a natureza do ponto de vista do capitalismo, ela está sujeita à ação predatória do homem.

Nesse contexto, a colonização da América, em seu início, é descrita como uma interação perfeita e harmoniosa entre homem e natureza, onde as trocas eram de

---

<sup>59</sup> CORRÊA, L. S., *Corumbá: Um núcleo Comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*, 1980, p. 35.

<sup>60</sup> COSTA, M. de F., *História de um país Inexistente: Pantanal entre os séc. XVI e XVIII*, 1999, p.31.

<sup>61</sup> THOMAS, K., *O homem e o mundo natural*, 1988, p.18.

subsistência. A história dos trópicos passa a ser contada como um processo expansionista, necessário e inevitável. A expansão europeia atinge os trópicos e opera nas trocas e adaptações de culturas alheias ao solo latino-americano. Essas trocas afetam as sociedades humanas e também provocam modificações ambientais, físicas e biológicas nos ecossistemas, as variedades anulam as singularidades que suscitam o uso contínuo de tecnologias. Enfim, tal processo não foi diferente quanto à ocupação dos pantanais.

Esse espaço, que compreende a planície pantaneira, está inscrito no cenário local, nacional e mundial como uma Reserva da Biosfera. Mas, se considerarmos as escalas local e regional, elas encontram-se limitadas, em âmbito local, pela exploração da pecuária e, em âmbito estadual, limita-se à expansão agrícola. Portanto, faz-se necessário um amplo conhecimento da realidade desse espaço e a compreensão de uma gama de fatores que possibilitam novos entendimentos no que tange à dinâmica territorial e à consequente desterritorialidade: o uso do solo, os problemas sociais oriundos e específicos de cada comunidade, seja ela ribeirinha ou urbana, e outros aspectos, como o exercício da sustentabilidade; todavia, sem esquecer as especificidades e singularidades de cada espaço geográfico com seus elementos e formas tão diferenciadas. Assim, conclui-se que o desenvolvimento não deve estar calcado na depredação ambiental, comprometendo todos os ecossistemas naturais do Bioma Pantanal.

O Pantanal é uma depressão geológica do rio Paraguai, com divisas territoriais fronteiriças com os Andes, na Bolívia, e com o Chaco Paraguai. Situa-se entre os paralelos de 16° e 22° LS e os meridianos 55° e 58° W, localizando-se no sudeste de Mato Grosso e no noroeste de Mato Grosso do Sul, embrenhando-se pela Bolívia e Paraguai, unificando-se, ao prolongamento natural, com o Chaco Boreal.

Figurando, hoje, como um dos ecossistemas<sup>62</sup> mais expressivos, por reunir em seu interior um conjunto que contempla uma diversidade da fauna e da flora, o Pantanal, com solo arenoso, cuja vegetação dominante é o cerrado, é a maior planície contínua de alagamento de águas interiores. Em virtude de suas dimensões, formando um sistema pantaneiro de inundação contínuo, que se estende em terras brasileiras, formando uma “fronteira viva” , pelo Chaco Paraguai e boliviano. As águas que invadem e circundam esse ecossistema são advindas da Bacia do Alto Rio Paraguai, tributário da Bacia Platina. O clima tropical semi-úmido possui diferenças marcantes entre a estação chuvosa e seca, uma cobertura vegetal complexa e diversa, com uma predominância considerável das savanas.

A região está localizada na Bacia Platina que possui uma formação fitogeográfica riquíssima na sua biodiversidade, incorporando um mosaico de ecossistemas constituído de trocas com características bióticas e abióticas que interagem entre si, compondo as várias

---

<sup>62</sup> Constitui-se de todas as partes dos mundos físico e biológico que interagem, ou seja, são conjuntos de organismos e seu ambiente físico.

regiões sujeitas às inundações sazonais. Segundo Costa, significa que tal região “constitui um grande sistema ecológico”<sup>63</sup> e, nesse contexto, “suas dimensões são definidas pelas características geológicas e geomorfológicas que produzem a hidrologia, a fauna, a flora e o conjunto climático.”<sup>64</sup> Portanto, esses fatores, interagindo entre si, produzem um sistema de área alagável que permite a sua continuidade e especificidades próprias do sistema hidrológico pantaneiro, que, por sua vez, vem passando por constantes acomodações e transformações. Com características diversas nos períodos de cheia e vazante, é mais do que notório que, “nesse fluxo e refluxo das águas, o Pantanal respira, organiza-se, compõe-se e reorganiza-se em ritmos e sistemas de vida que se entrecruzam”.<sup>65</sup>

A estação seca ou inverno inicia-se a partir de março, quando as águas começam a baixar e o Pantanal começa a secar. Nesse período, a temperatura é agradável e há pouquíssimas chuvas. No tempo das secas, “o Paraguai escorre de manso por entre as margens pouco elevadas [...] apenas a diversidade de revestimento floral denota as largas manchas de argila ou de areia que as compõem.”<sup>66</sup> O início das chuvas é em outubro e se estende até março, período em que o Pantanal se transforma num imenso alagado, quando a água se avoluma e se espraia, e os limites dos rios extrapolam seus leitos, é quando “o rio está nos paus.”<sup>67</sup> É possível identificar, nas palavras de Proença, uma explicação condizente, quando ele diz: “acho que eu posso dizer, rios entranhados um no outro, que andam, que caminham, que voltam e que têm toda amplidão pra escolher.”<sup>68</sup> Ao falar sobre o emaranhado dos rios, ele volta seus olhos para o horizonte, como que em sinal de contemplação. É como se trouxesse, para diante dos seus olhos, a planície inundável. Seus braços, mãos e dedos se entrelaçam em movimentos graciosos, imitando o movimento e o caminho sinuoso das águas.<sup>69</sup> A perplexidade, ante a cena, é inevitável. Recordemos *Pantanais Matogrossenses*, de Virgílio Corrêa Filho, na apresentação da obra, Christovam Leite de Castro assim descreve esse complexo emaranhado fluvial:

Pela enorme planície espraia-se o rio, eriçado de afluentes, como a nota dominante do concerto das forças naturais, arrastando o seu limo fertilizante, improvisando lagoas e semeando as ilhas de vegetação, que recebem a “empreinte” da sua influencia inelutável.<sup>70</sup>

Foi o lugar de sonhos, descrito por viajantes, no século XVI ao XVII, atraindo nobres e aventureiros que deram início à conquista da imensa planície inundável, transformado em

---

<sup>63</sup> Idem, p.20.

<sup>64</sup> Idem, p.20.

<sup>65</sup> SILVA LEITE, M.C., *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p. 36.

<sup>66</sup> PROENÇA, M. C. *No termo de Cuiabá*, 1958, p. 80.

<sup>67</sup> De acordo com os habitantes, esta expressão é usada quando a água transpõe as margens dos rios e espalha campo a fora, inundando os campos.

<sup>68</sup> Augusto Cesar Proença. Entrevista em julho/2008. Corumbá, MS

<sup>69</sup> Idem, s/p.

<sup>70</sup> CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 10.

terras pertencentes à coroa espanhola e, posteriormente, portuguesa. No século XVI, os espanhóis percorreram o espaço que compreendia o Mato Grosso, explorando a foz do Prata e os caminhos fluviais para chegar até as regiões andinas. Esses espanhóis, Aleixo Garcia (1523), Juan de Ayolas (1538), Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1542), Domingo Martinez de Irala (1542-1546), Ñuflo de Chaves (1557) e Ruiz Diaz Melgarejo (1560), comandavam expedições da coroa espanhola, na região. Em seguida, as Missões jesuíticas formaram os núcleos indígenas, com objetivos estratégicos e com o intuito de ocupação do espaço.<sup>71</sup>

Em sua obra, *História de um país inexistente*, Maria de Fátima Costa salienta que o Pantanal foi descrito, por viajantes, como “um mundo onde realidade e fantasia se imbricavam.”<sup>72</sup> e ainda aponta que “o espaço interior da bacia do Alto Rio Paraguai, onde se localizava o Pantanal, foi concebido, inicialmente, como um lugar de sonhos, e assim se insere na história ocidental. Antes disso, como toda a América, constituía território indígena.” A autora acrescenta que “ [...] hoje a construção da sua história seja fragmentada [...] é como se sua história também obedecesse ao movimento de suas águas que passam, correm, inundam e espraiam-se por vastos territórios [...]”<sup>73</sup> Segundo a autora, a demarcação do território que compreende a planície pantaneira só se efetivou nos primeiros anos de 1800 quando,

[...] as águas e terras da bacia do alto Paraguai passaram a fazer parte do território português na América, logo convertidas em brasileiras, e começaram então a ser freqüentadas por expedições naturalistas que, com curiosidade científica aperfeiçoaram mapas e preencheram manuais com catalogação de plantas, animais, minerais, a região passou a fazer parte dos roteiros científicos integrando-se ao universo de saber que então inventariava o mundo, classificando sua natureza como recursos naturais.<sup>74</sup>

Como citado anteriormente, esse Pantanal compreende uma área de preservação que constitui a terceira maior reserva ambiental do mundo, contemplando um dos mais ricos ecossistemas com florestas estacionais periodicamente alagadas.<sup>75</sup> Em conformidade com Costa, muitas das imagens construídas, ainda hoje, sobre o Pantanal, trazem muito do imaginário dos viajantes do século XVI.

Nominado pelos viajantes oitocentistas como a “laguna de los Xaraies”, esse espaço, que apresenta mobilidade geográfica, face ao seu ciclo de águas, foi uma “imagem constante nos relatos e mapas europeus”<sup>76</sup> e transformou-se num “lugar fabulosamente

---

<sup>71</sup> CORRÊA, L. S., *História e Fronteira: o sul de Mato Grosso 1870-1920*, 1990, p. 17.

<sup>72</sup> COSTA, M. de F. *História de um país Inexistente: Pantanal entre os séc. XVI e XVIII*, 1999, p. 31.

<sup>73</sup> Idem, p. 32.

<sup>74</sup> Idem, p. 59.

<sup>75</sup> EMBRAPA PANTANAL. *Impactos ambientais e sócio-econômicos no Pantanal*. 1997a

<sup>76</sup> COSTA, M. de F. *História de um país Inexistente: Pantanal entre os séc. XVI e XVIII*, 1999. p. 131

imaginado, criado, representado”<sup>77</sup>, que traz em seu bojo, desde as primeiras incursões espanholas e portuguesas e, posteriormente, pelas entradas bandeirantes e monçoneiras, imagens de um território que abriga em seu interior um universo místico, envolvendo águas habitadas por uma infinidade de seres transcendentais<sup>78</sup>, mas abrigando, também, em seu interior, uma enormidade de riquezas naturais propícias para implantação da pecuária, posteriormente.

Para Banducci Júnior, a vasta extensão territorial que abrangia o Mato Grosso com “águas abundantes e vegetação esparsa mostrou-se bastante adequada para a atividade pastoril.”<sup>79</sup> A adaptação do bovino ao ambiente contribui largamente para a modelagem espacial pantaneira. Em meados do século XIX, a abertura da navegação, pelo Rio Paraguai, impulsiona o comércio e surgem as primeiras fazendas de gado e, conseqüentemente, a implantação das charqueadas ou saladeiros, produzindo e exportando produtos, como, carne, couro e derivados de origem bovina.<sup>80</sup> Para Corrêa,

[...] nos pantanais surgiria um modelo ainda mais peculiar de ocupação econômica, moldado pelo meio ambiente típico e complexo de seu regime de cheias e vazantes, contexto no qual o gado foi fator viabilizador do uso econômico dos recursos e do solo pantaneiro.<sup>81</sup>

A depressão pantaneira é tomada, durante a estação chuvosa, por inundações que têm um impacto profundo sobre a relação do ser humano com o local, por conta de sua ação de renovação das gramíneas e outras espécies da flora nativa, de grande importância para a expansão da atividade pecuária.<sup>82</sup> No entanto, assim como traz benefícios para essa atividade, com a fartura de pastagens e das salinas, “como são chamadas as lagoas, cuja água apresenta elevada concentração de sais”<sup>83</sup>, essas inundações acarretam perdas consideráveis nos rebanhos, como ocorrido nas enchentes de 1973 e 1974, com tantos prejuízos, que levaram alguns pecuaristas a deixarem a região.<sup>84</sup> Com o aumento da área inundada, perdem-se consideráveis áreas de pastagem e o gado é remanejado para locais mais altos ou mesmo para outras propriedades, arrendadas para o período das cheias. O deslocamento dos rebanhos para as áreas mais altas, no período das cheias, não é visto como um transtorno, tendo em vista sua proteção e a necessidade das inundações, para a

---

<sup>77</sup> Idem, p. 131.

<sup>78</sup> SILVA LEITE, M. C., *Águas encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p. 61.

<sup>79</sup> BANDUCCI JÚNIOR, A., *Dando Nome aos bois. A representação simbólica do gado no Pantanal Matogrossense*, s/d, p. 3.

<sup>80</sup> Idem, p. 4.

<sup>81</sup> CORRÊA, L. S., *História e Fronteira: o Sul de Mato Grosso 1870-1920*, 1990, p. 96.

<sup>82</sup> WILCOX, R.W. *La ley del menor esfuerzo: El médio ambiente y la industria da ganado em Mato Grosso, Brasil 1870-1980*, 2001, p. 121.

<sup>83</sup> MAGALHAES, N. W de., *Conheça o Pantanal*, 1992, p. 10.

<sup>84</sup> WILCOX, R.W. *La ley del menor esfuerzo: El médio ambiente y la industria da ganado em Mato Grosso, Brasil 1870-1980*, 2001, p. 127.

renovação das pastagens. Tais inundações são tidas como extremamente benéficas para a reposição de nutrientes e o reverdecimento das pastagens, sem contar o “surgimento dos barreiros salitrados e das lagoas salgadas.”<sup>85</sup>

Sendo uma formação fitogeográfica complexa, a preservação ambiental é indispensável, visto que tem implicações sobre todos os ecossistemas onde as alterações ambientais refletem na própria dinâmica interna. Pelo que percebemos, há uma ambiguidade em torno das colocações contidas na historiografia no que tange ao ciclo das águas. Em que medida podemos apenas designar o Pantanal como área de preservação? Isso não é suficiente, pois se trata, aqui, da necessidade de entender o longo processo de formação dessa região, buscar explicações que contemplem a complexidade do assunto em foco. Godói Filho sinaliza para o fato de que “é uma paisagem de formação recente do ponto de vista geológico.”<sup>86</sup> Acrescenta, ainda, que essa paisagem é a “resultante dos processos de soerguimento da cadeia andina, que propiciaram a individualização da bacia sedimentar do Pantanal. Sedimentos esses trazidos das porções mais elevadas, pelos rios da bacia do alto Paraguai, vem soterrando-a desde então.”<sup>87</sup>

Nesse sentido, A'b Sáber apresenta uma questão de relevante importância, ao chamar a atenção para o fato da confusão conceitual criada para designar esse espaço com a “aplicação simplista da expressão “ecossistema pantaneiro” a totalidade do conjunto fitogeográfico regional.”<sup>88</sup> A introdução de elementos alheios ao ambiente, que aderem e desenvolvem práticas culturais e sociais nocivas, segundo o autor, demandam um “novo padrão de entendimento.”<sup>89</sup> Prossegue em suas observações, ressaltando que se “trata, assim, de uma célula espacial do país que está a exigir uma extensão administrativa particularizada, e um novo padrão de controle, por parte do Estado e da sociedade brasileira.”<sup>90</sup>

Ao defender o aprofundamento dos estudos referentes à região, o autor sugere que se deve considerar que “a bacia do Pantanal foi certamente fruto de uma reativação tectônica quebrável,”<sup>91</sup> e que “estudos realizados a partir da década de 1970 eliminaram o antigo epíteto de “Complexo do Pantanal”, já que a região apresenta um mosaico integrado de paisagens e espaços geocológicos perfeitamente visualizáveis e cartografáveis.”<sup>92</sup> Para

---

<sup>85</sup> Idem p. 114.

<sup>86</sup> GODOI FILHO J. D. de., *Aspectos Geológicos do Pantanal Mato-grossense e de sua área de Influencia*, 1984, p. 74.

<sup>87</sup> Idem, p. 74.

<sup>88</sup> A'B SÁBER, A. N., *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*, 2006, p. 13.

<sup>89</sup> Idem, p. 14.

<sup>90</sup> Idem, p. 14.

<sup>91</sup> Idem, p. 31.

<sup>92</sup> Idem, p. 57.

o autor, é revelada em evidência geomorfológica a presença de atividade tectônica substancial nos significativos afloramentos rochosos.

É realmente indiscutível que a formação dessa ampla área alagável seja resultado de um lento processo geológico, que comporta, em seu interior, particularidades nas variações climáticas que, por sua vez, oferecem sustentabilidade aos ecossistemas que compõem a planície inundável, formando vários pantanais no conjunto da grande depressão aluvial. De acordo com o relatório do Programa de Desenvolvimento do Pantanal - PRODEPAN<sup>93</sup>, muitos geólogos consideram o Pantanal como uma “graben” que teria sido moldado no final terciário, oriundo da alteração dos Andes, formando, por afundamento, “uma grande fossa”, com fartas redes de falhas e fraturas que tem quatro direções predominantes. Seria, portanto, através dessa “graben” que corre o rio Paraguai “condicionada à direção do seu curso, pelos óbices que encontrou.”<sup>94</sup>

Carlos Tucci, quando da elaboração de relatório que discute a implantação de programas e ações da Agência Nacional de Águas - ANA, descreve o Pantanal como sendo “um grande banhado [...] que recebe o escoamento do Planalto, como os rios do Pantanal têm pequena capacidade de escoamento, o fluxo é retido na planície e grande parte é evaporado.”<sup>95</sup> Acrescenta, também, que podem ser considerados como aspectos relevantes da Bacia do Rio Paraguai “as inundações ribeirinhas, a mineração no Mato Grosso, na parte superior da bacia, a erosão do solo devido às atividades agropastoril no Planalto, desmatamento, irrigação, e efluentes domésticos e industriais.”<sup>96</sup>

É de suma importância atentar para o fato de que o Pantanal Mato-grossense atua como um espaço transitório, como nota A'b Sáber:

O Pantanal Mato-Grossense funciona como um notável interespaço de transição e contato, comportando: fortes penetrações de ecossistemas dos cerrados; uma participação significativa de floras chaquenas; inclusões de componentes amazônicos e pré-amazônicos; ao lado de ecossistemas aquáticos e subaquáticos de grande extensão, nos pantanais de suas grandes planícies de inundações.<sup>97</sup>

Nesse sentido, o autor defende a ideia de que o Pantanal, pela sua localização entre, pelo menos, três consideráveis domínios morfoclimáticos e fitogeográficos sul-americanos, funciona como uma espécie de depressão-aluvial-tampão e, ao mesmo tempo, como receptor dos componentes bióticos advindos de outras áreas adjacentes e/ou limítrofes.<sup>98</sup> Para o autor, é realmente indiscutível o fato de que “como acontece com todas as faixas de

---

<sup>93</sup> PRODEPAN, 1974, p. 309.

<sup>94</sup> Idem, p.309.

<sup>95</sup> TUCCI, C. E. M., *Documento de apoio as ações de planejamento da ANA*, Abril/2001, p.39.

<sup>96</sup> Idem, p. 39.

<sup>97</sup> A'B SÁBER, A. N., *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*, 2006, p.58.

<sup>98</sup> Idem, p.58.

transição e contato, o Pantanal Mato-grossense se comporta, em termos fitogeográficos, como um delicado espaço de tensão ecológica.”<sup>99</sup>

Uma das características que o difere das demais áreas de preservação são os seus ciclos ou períodos cíclicos de seca e inundações, que permitem a recirculação de nutrientes de forma contínua, dando suporte a micro e a macro vegetação abundante e convertendo matéria inorgânica em orgânica, o que resulta na produção de uma fonte de alimento animal, extremamente nutritiva. É de suma importância destacar que, além da “variabilidade interanual, o Pantanal apresenta uma variabilidade plurianual,”<sup>100</sup> ou seja, ocorre uma alternância entre anos demasiadamente secos ou, inversamente, muito chuvosos. Ao analisar a relação entre mudança do uso da terra, oceanos e o nível do rio Paraguai, em Ladário, Bergier considera que a

[...] oscilação interanual do nível do Rio Paraguai é uma resposta integrada da quantidade de água precipitada na Bacia do Alto Paraguai (Bolívia e Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), da quantidade de água evapotranspirada e da quantidade de água drenada para aquíferos subterrâneos. Portanto, mudanças no regime de chuva e mudanças estruturais na Bacia do Alto Paraguai serão necessariamente refletidas nas oscilações interanuais registradas na série temporal. Entre as mudanças estruturais pode se destacar a mudança do uso da terra na parte alta da Bacia do Rio Taquari.<sup>101</sup>

Corrêa Filho, ao escrever sobre “as pulsações periódicas do Pantanal”<sup>102</sup>, de início, sinaliza que elas “perturbam a adaptação do homem a terra, e ocasiona-lhe prejuízos a economia.”<sup>103</sup> No entanto, essa alternância na periodicidade e alterações no fluxo das águas favorece algumas espécies, inibindo outras, auxiliando na reestruturação dos ecossistemas que compõem a região e compreende os diversos pantanais. Cabe destacar que uma das características hidrológicas e de suma importância é “a função do Pantanal que atua como um grande reservatório, provocando uma defasagem de 1 a 5 meses entre as vazões de entrada e saída,”<sup>104</sup> ou seja, a formação das lagoas e baías está condicionada a esse processo lento de vazante.

## 1.2 As enchentes em Porto Murtinho

Em Porto Murtinho, segundo o Estudo de Desenvolvimento Integrado da Bacia do Alto Paraguai – EDIBAP, a vazão média de saída é de 1.261 metros cúbicos. No período

---

<sup>99</sup> Idem, p. 58.

<sup>100</sup> ADAMOLI, J. A., *A Dinâmica das inundações no Pantanal*, 1984, p. 51.

<sup>101</sup> BERGIER I. et al., *Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas*, 2008, p.10.

<sup>102</sup> CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 100.

<sup>103</sup> Idem, p.100.

<sup>104</sup> EDIBAP, 1979, p. 19.



das cheias, o rio Paraguai espraia-se e escoo lentamente rumo ao sul, isto é, de Corumbá, até atingir a região de Porto Murtinho, as águas podem demorar de dois ou mais meses e cerca de seis meses pra deixar o solo brasileiro, escoando para a região Chaquenha. Junto com as águas, sedimentos são depositados e carregados para as margens, contribuindo para o levantamento gradual do leito dos rios que compõem o mosaico das águas. A análise das enchentes, na região de Porto Murtinho, em sua capacidade máxima anual, permite registrar o total da vazão de água que sai do Pantanal.<sup>105</sup>

A partir de 1974, o Pantanal passa por um ciclo plurianual e, em 1977, inicia-se um período de grandes inundações com alturas hidrométricas elevadíssimas. Em Porto Murtinho, a capacidade máxima inicia-se a partir de 1979 e, como resultado, a cidade fica toda tomada pelas águas. Em 1980, devido ao resíduo da enchente anterior, houve nova elevação do nível do rio Paraguai na parte sul da cidade, atingindo 20% e, seguida da enchente de 1982, o nível atinge a marca de 9,72 metros, superando o registro histórico da enchente de 1959. Esse período de intensas inundações vai até 1988. O rio Paraguai, de janeiro a agosto, recebe a totalidade da vazão de seus principais afluentes e o período das inundações também é demasiado extenso.<sup>106</sup>

O rio Paraguai corresponde a 4,3% de todo território nacional. Com uma área de 362.376 km<sup>2</sup>, pertence à Bacia do Prata<sup>107</sup>. Sua posição é privilegiada e faz fronteira com Paraguai e Bolívia. Segundo Diegues,

[...] a amplitude da rede tributária que converge para o rio Paraguai, aliada a baixíssima declividade da depressão pantaneira, faz dessa região um dos maiores conjuntos de áreas úmidas do planeta com cerca de 140.000 km<sup>2</sup>.<sup>108</sup>

A Planície aluvionar do Pantanal é retentora da maior parte da água oriunda do Planalto e funciona como reservatório, onde 60% dessa água evapora na planície pantaneira, regularizando a vazão em, aproximadamente, cinco meses entre a entrada e a saída de águas nos pantanais. Em Porto Murtinho, a montante da vazão ocorre em julho, fora do período das chuvas. Esse fato está atrelado a pouca declividade do rio Paraguai que tem uma variante de 1,5 a 5 cm/km. A vazão do rio atinge 2.382 m<sup>3</sup>/s com nível de água de 4,25 m. No período das grandes cheias, em Porto Murtinho, como em junho de 1979, a vazão chegou a 5.879 m<sup>3</sup>/s e o nível de água a 9,14 m. Em julho de 1982, com uma vazão recorde de 6.289 m<sup>3</sup>/s e o nível de água atingindo, 9,72 metros.

---

<sup>105</sup> ADÁMOLI, J.A. *A Dinâmica das inundações no Pantanal*, 1984, p. 52.

<sup>106</sup> Idem, p. 56.

<sup>107</sup> DIEGUES, A. C., (org.) *Povos e águas: Inventário de áreas úmidas*, 2002, p. 264

<sup>108</sup> Idem, p. 264

Essas enchentes deixaram a área do município de Porto Murtinho e da Ilha Margarida<sup>109</sup> totalmente alagada e ocasionou o deslocamento de toda população para um acampamento provisório, denominado de “cidade de lona”. Posterior à enchente de 1982, construiu-se o dique de contenção de águas que evitou a inundação da cidade, na enchente de 1988, quando as águas atingiram o nível de 9, 80 metros.

Ao efetuarem a análise sobre os impactos das inundações no Pantanal, na década de 1970, Silva e Abdon sinalizam que, nos últimos anos do século XX, ou seja, a partir de 1974, o Pantanal é atingido por um fenômeno de ocorrência global, como as alterações climáticas. Tal fato alterou consideravelmente o regime hidrológico nos pantanais. De acordo com os pesquisadores, após 10 anos de uma seca que castigou severamente o Pantanal, em “1974, teve início o mais longo ciclo de cheia do século passado no Pantanal, que persistiria até 2002.”<sup>110</sup> Período esse que compreende as grandes enchentes na cidade de Porto Murtinho, com níveis acima da média normal das enchentes anteriores.

As águas das cheias trazem a matéria orgânica que regenera e fertiliza o solo, mas também transportam sedimentos oriundos de áreas com um elevado índice de contaminação de pesticidas e fungicidas. Em função do desenvolvimento, o Pantanal vem sofrendo vários tipos de pressão, como as advindas da agropecuária, da contaminação dos rios, do desmatamento de grandes áreas para pastagens, da erosão e assoreamento do leito dos rios, das construções civis como barragens, estradas e diques. Tal qual como em outros ecossistemas, as influências negativas são sentidas nas alterações ambientais constantes, que modificam a paisagem e afetam o homem, habitante dessa região.

O desmatamento constitui um dos maiores impactos ambientais na região e, conseqüentemente, acelera processos erosivos, que se apresentam acentuados em regiões como Porto Murtinho, constituindo-se em um processo lento e gradual que acarreta uma menor concentração de água no solo e provoca picos de inundações, podendo resultar no agravamento das enchentes na região. No estudo específico da região, os pesquisadores da EMBRAPA observam que

[...] o rio Taquari é um dos formadores da Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai. Modificações observadas nas últimas três décadas são o aumento da atividade agropastoril, o aumento do desmatamento a partir da década de 70, o aumento do ravinamento das sub-bacias do planalto, o aumento da precipitação média e modificação da estrutura morfológica dos rios do Pantanal, os desmatamentos em áreas de preservação permanente e o aumento das áreas de inundação abaixo de 200 m de altitude.<sup>111</sup>

---

<sup>109</sup> Situa-se a 545 km de Assunção e 36 km do fecho dos Morros, localizada entre a Colônia Carmelo Peralta (PY) e em frente a Porto Murtinho, MS. Ilha habitada em sua maioria por pescadores e pequenos comerciantes – zona de livre comércio - o acesso a ilha é possível com barco de pequeno porte e chalanas. No período das inundações, pela proximidade com Porto Murtinho, a população foi socorrida pelo governo brasileiro.

<sup>110</sup> SILVA & ABDON et al., *Impacto da Inundação na sócio-economia da planície do baixo rio Taquari, período de 1970 a 1996*, 2002, p. 303.

<sup>111</sup> EMBRAPA, 1993. Plano 1997a

O aumento da precipitação média e das áreas inundáveis compromete o desenvolvimento da atividade principal desenvolvida na região – a pecuária. Galdino acrescenta que “o aumento da inundação em áreas do baixo curso do rio Taquari tem transformado a pecuária desta região numa atividade com baixa rentabilidade, na medida em que extensas áreas de campo passaram a ser inundadas vários meses durante o ano, desde 1974.”<sup>112</sup> Face a essas observações de Galdino, encontramos similaridade com a análise de Bergier que sugere que,

[...] do ponto de vista sócio-econômico, o Pantanal tem passado por transformações e adaptações em função da variabilidade interanual e interdécadas do pulso de inundação. Em épocas mais secas, como entre 1964 e 1973, houve o predomínio da atividade pecuária e em períodos mais úmidos foram também verificadas atividades como a pesca e o turismo.<sup>113</sup>

Na década de 1970, o Pantanal sofre ações mais constantes em função da pecuária, são construídos, então, muitos “aterros” para proteger as pastagens das inundações. As cordilheiras, áreas mais altas onde não há ocorrência das inundações, foram desmatadas para o remanejamento do gado. Tal ação modificadora teve impacto na migração dos peixes e da água putrefata, pela falta de renovação das mesmas.<sup>114</sup> Além dos aterros, é comum a construção de diques ou barragens que tem a função de polders, e de estradas rurais para acesso entre fazendas e deslocamento do rebanho bovino. As estradas são fatores de aceleração para a destruição do ecossistema; elas são modificações que geram impactos ambientais com reflexos em menor ou maior grau. A título de exemplo, citamos a Transpantaneira, cuja construção não foi acompanhada de um estudo hidrológico adequado e, por isso, figura como obra inacabada, posto que as seguidas enchentes, na década de 1970, impediram a continuidade dos trabalhos.

A biosfera pode suportar modificações, com o cuidado de não ultrapassar os limites que ameaçam seu equilíbrio dinâmico. No entanto, tais transformações podem acarretar danos aos seus processos essenciais, como no seu comportamento hidrológico e, desse modo, gerar um desequilíbrio em cadeia. José de Barros Neto descreve, de forma poética, sua impressão do Pantanal da Nhecolândia, lugar esse que ele chama de “paraíso verdadeiro”. Diz ele: “O Pantanal é maravilhoso e produtivo, mas, assim como um amigo que nos agasalha, se rebela ao primeiro arranhão da sua pele.”<sup>115</sup> Talvez, mesmo que inconscientemente, o autor prenuncia o caos no simulacro da ordem preestabelecida, no paraíso imaginário.

---

<sup>112</sup> GALDINO, S. et al., *Mudanças do regime hidrológico da bacia do Rio Taquari – Pantanal*, 2002, p. 24.

<sup>113</sup> BERGIER, I. et al., *Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas*, 2008, p.15

<sup>114</sup> DOUROJEANI, M., *Construindo o futuro do Pantanal*, 2006, p. 77.

<sup>115</sup> BARROS NETTO, J. de., *A criação empírica de Bovinos no Pantanal da Nhecolândia, 1979*, p. 123.

Conforme descrição de Diegues, os pantanais, assim como as “demais áreas drenadas pela bacia do Paraguai, sofrem ação de um regime climático tropical com alternância de duas estações bastante marcadas”<sup>116</sup> Quanto às enchentes no Pantanal, elas são caracterizadas como um fenômeno natural que ocorre anualmente entre os meses que vão de outubro a março, período de verão com concentração das precipitações. Suas características em relação a outros tipos de enchentes, como as que ocorrem nos meios urbanos, são distintas, pois, no Pantanal, esse fenômeno possui significados que dão peculiaridade à região, significando uma renovação de todos os ecossistemas. O período de estiagem vai de abril a setembro, considerado de inverno seco.<sup>117</sup>

Calheiros define o ciclo anual de cheia e seca no Pantanal como “fenômeno ecológico mais importante da planície de inundação de um rio, pois controla sua estrutura e funcionamento, desempenhando papel preponderante na ciclagem de nutrientes e disponibilidade de água.”<sup>118</sup> Para as pessoas que vivem nas regiões mais propensas às inundações, como os ribeirinhos e os chalaneiros, “o Pantanal só enche se chover” porque, segundo eles, não tem como prever as enchentes, “só se sabe quando a água começa a subir” e conhecer sua intensidade mesmo, “é só quando ela começa a baixar.” Na troca de informações, é possível perceber que, para aqueles diretamente envolvidos nas atividades desenvolvidas na região, a água é uma constante, não é prejudicial, dá um pouco de trabalho, “mas é bonito demais ver aquele mundão de água sem fim” e complementam “sem água não tem Pantanal.”<sup>119</sup>

Silva salienta que, contrariamente à abordagem dos noticiários nacionais, quando as enchentes são descritas como trágicas e catastróficas, tendo em vista que a atenção está voltada para as grandes propriedades que desenvolvem a pecuária e tem seus rebanhos atingidos pelas águas, os pantaneiros reconhecem a importância das cheias para “a renovação e preservação do ecossistema.”<sup>120</sup> Em sua análise, Amaral Filho observa que

[...] no Pantanal mato-grossense, todo o sistema de drenagem está ligada ao rio Paraguai e este não possui vazão suficiente para a eliminação das águas nas épocas de maiores precipitações. Com o represamento das águas pelo rio Paraguai, há inundação generalizada, de duração variável em função da cota local do terreno e também da posição em relação ao rio Paraguai, pois há um desnível de norte para sul e um estrangulamento ou diminuição no sistema de drenagem, a partir de Corumbá no sentido de Porto Murtinho. Assim a área situada ao norte tem um período de inundação menor, que a área situada no sul, ou seja, nas proximidades de Porto

---

<sup>116</sup> DIEGUES, A.C., (org), Povos e Águas: inventário de áreas úmidas, 2002, 264

<sup>117</sup> Idem, p. 264.

<sup>118</sup> CALHEIROS, D. F. et al., *Conhecimento Empírico de uma comunidade Ribeirinha do Rio Paraguai sobre o fenômeno natural de mortalidade de peixes no Pantanal*, 1996, p. 460.

<sup>119</sup> Anotações em caderno de campo; Conversa com pescadores e chalaneiros em Porto Murtinho. Agosto/2008.

<sup>120</sup> SILVA, C. J. da., *No ritmo das águas do Pantanal*, 1995, p.2.

Murtinho, as inundações ocasionarão maiores conseqüências do que nas proximidades do rio Itiquira e cidades de Poconé e Cáceres.<sup>121</sup>

No Pantanal, as enchentes são vistas não somente como um processo de subir e baixar das águas, mas, além de tudo, como um fenômeno que mexe com a vida de toda uma população, desde os que moram nas fazendas e nas áreas ribeirinhas até aqueles que residem nas cidades localizadas em toda a região pantaneira. Para o pantaneiro, a cheia “limpa os campos.”<sup>122</sup> A relação do homem e natureza, no Pantanal, sua interação com o ecossistema, o seu modo de perceber e relacionar-se com as peculiaridades do ambiente é marcada pelo ciclo das cheias e das secas. Nas observações de Costa sobre a sazonalidade das águas:

Cheias e secas dominam o ritmo da vida nessas terras inundáveis. Para seus habitantes, os “naturais do rio”, a vida segue alternando-se nesse compasso: quando as águas estão baixas, com a alegria dos que desfrutam a abundância, cantam e dançam: cheia transformando suas canoas em casa, navegam por quatro meses entre os tantos braços do Paraguai espreado. E o cotidiano se faz sobre a cadência imposta pelas águas [...]

<sup>123</sup>

Essas constatações nos permitiram analisar que, mesmo a enchente sendo um fenômeno natural e recorrente, no Pantanal, a relação do homem com a natureza perfaz amplos caminhos que envolvem transformações, suscitando apropriações e adaptações que se entrecruzam e se complementam, garantindo, assim, a continuidade e sobrevivência de ambos na multiplicidade de seus habitats. Mas essa interação não pode ser definida como completamente “harmoniosa”. Ela é marcada por transformações, por vezes, fatores de desequilíbrio para ambas as partes. Para Corrêa Filho, “o clima regula grandemente, nos pantanais, as atividades humana, que sobremaneira se diferenciam das congêneres em outras paragens.”<sup>124</sup>

A elevação do nível das águas, no Pantanal, não é apenas um indicativo da precipitação das chuvas nas cabeceiras dos rios do alto Pantanal, ela se torna um fenômeno da natureza; trata-se de uma dinâmica do próprio Pantanal que tem, nas enchentes, a renovação da vida. Essa renovação constitui-se também no aumento da fertilidade do solo e na manutenção da terceira maior reserva florestal, que abriga em seu interior aspectos pouco explorados, como, por exemplo, a suposta convivência harmoniosa do homem com o meio ambiente, ou seja, as “relações sofridas entre homens e natureza, projetando-se, necessariamente, nas relações entre sociedade e comunidades residentes nas cidades

---

<sup>121</sup> AMARAL FILHO, Z.P. do., *Ecologia da Savana nas regiões Amazônica e centro-oeste do Brasil*, 1983, p. 33.

<sup>122</sup> POTT, A., *Pastagens no Pantanal*, 1988, p. 22.

<sup>123</sup> COSTA, M. de F., *História de um país inexistente. O pantanal entre os Séc. XV e XVIII*, 1999, p. 100.

<sup>124</sup> CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 33.

instaladas nas bordas do Pantanal<sup>125</sup>, os seus centros urbanos. Pode-se descrever o mecanismo de movimentação da seguinte forma: fatores como a uniformidade topográfica aliados ao baixo gradiente do relevo, a predominância de litologias sedimentares e a pluviosidade como aspectos contribuintes para as grandes enchentes por dificultar o escoamento das águas.

Esses fatores são aliados e preponderantes no desempenho das inundações de caráter geral na região, propiciando o aumento do volume das águas em toda a extensão que compreende os diversos pantanais, onde o movimento das águas interliga vazantes, corixos e baías.<sup>126</sup> Se considerarmos que o rio Paraguai atua como o receptor das águas de diversos afluentes, que chegam lentamente e trazem uma quantidade considerável de sedimentos, perceberemos que as inundações se incumbem de espalhar esses sedimentos pelo Pantanal, fora das calhas fluviais.<sup>127</sup>

É possível distinguir dois tipos de inundações que ocorrem nos Pantanais, uma pluvial “chamada de enchente de chuva, que ocorre em áreas não diretamente afetadas pelos rios, resultante da elevação do lençol freático, causada pela falta de gradiente hidráulico e pelas chuvas concentradas” e outra fluvial “os leitos rasos e indefinidos dos rios descarregam água como vertedouro e através de defluentes [...] distribuindo-a nos campos.”<sup>128</sup> No período das inundações, a velocidade das águas é alterada, sendo capaz de remover obstáculos criados pela vegetação e à medida que atinge os canais maiores, esta velocidade aumenta.<sup>129</sup> Para Carvalho, é preciso observar que a altura das inundações anuais nos principais rios é determinante para o número de depressões e canais que tornar-se-ão ativos, espalhando água por toda a planície inundável.<sup>130</sup>

Mesmo nas grandes enchentes, a região do Pantanal não fica totalmente encoberta pelas águas. Orlando Valverde salienta:

O rio Paraguai alaga uma planície aluvial, cuja largura média é avaliada em 25 km. Faixas mais estreitas são alagadas pelas cheias do Miranda, do Taquari, do Cuiabá e de muitos outros rios menores. Inúmeras lagoas periódicas surgem; outras permanente crescem; braços de água se

---

<sup>125</sup> A’B SÁBER, A.N. *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*, 2006, p. 13.

<sup>126</sup> As vazantes são depressões entre as cordilheiras, mesmo longas são pouco profundas e desempenham a função de vias de escoamento temporário das baías no período das enchentes. Algumas vazantes podem ser temporárias e outras permanentes. Corixos constituem-se por pequenos cursos de água predominantemente perene interligando as baías próximas. Com canais mais estreitos e profundos, seu poder erosivo supera ao das vazantes. As baías são áreas deprimidas de terreno, lagoas encontradas em praticamente toda a região do Pantanal, com formas e dimensões diversas, apresentam-se cheias de água e muitas tem água salobra e recebem a denominação de salinas. Em períodos de estiagem secam, formando os barreiros.

<sup>127</sup> CARVALHO, N de O., *Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai*, 1974, p. 44.

<sup>128</sup> POTT, A., *Pastagens no Pantanal*, 1988, p. 14.

<sup>129</sup> CARVALHO, N de O., *Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai*, 1974, p. 45.

<sup>130</sup> Idem, p. 46.

anastomosam. Sem embargo, amplas áreas ficam sempre salvo das inundações [...].<sup>131</sup>

Ao utilizar a nomenclatura de Pantanal, estamos restringindo uma região que compreende vários “Pantanais Matogrossenses”<sup>132</sup>, dentre eles: Pantanal do Aquidauana, do Miranda, da Nhecolândia, do Rio Negro, do Taboco, do Jacadigo, do Abobral, do Nabileque, do Paraguai, do Paiaguás. Tais denominações estão atreladas aos rios que banham tais planícies. (mapa 01)

Nas grandes enchentes, o Nabileque escoar em quantidade considerável, constituindo-se numa grande descarga, apresentando uma área inundável próxima a 90 km, incluindo o seu braço principal. Mesmo tendo diversas bocas e diversas saídas, durante as cheias, atinge uma área a partir da barranca que fica toda coberta pelas águas. O mesmo rio, em época de estiagem, tem o comportamento de um corixo ou uma vazante em níveis baixos e com leitos múltiplos.<sup>133</sup>

### 1.3 Homem e natureza no ritmo das águas no Pantanal sul-matogrossense

As especificidades e particularidades de cada um desses pantanais estão intimamente ligadas à presença humana, na região, que marca a apropriação e a interação com o meio e assegura a continuidade de atividades genuínas, como a condução das comitivas, que, mesmo em declínio, ainda é própria do Pantanal. As atividades do trato com o gado atuam como agente na relação do homem com a natureza e se fundamentam no convívio interligado, onde homens, animais e a planície pantaneira pertençam a um universo indiviso. Em tal aspecto, partilho da opinião de Leite, quando escreve que “a ocupação econômica da região, [...] sempre teve no seu interior a presença marcante da natureza pantaneira e suas particularidades, especialmente as grandes enchentes e sua antítese, as secas.”<sup>134</sup> Souza, assim descreve a atividade dos peões:

Naqueles tempos históricos, o peão tinha que ser, ao mesmo tempo, cavaleiro para percorrer as longas distâncias durante as secas, canoieiro quando as chuvas regurgitassem os corixos e ele tivesse de usar os remos, e bom andador a falarem os outros recursos.<sup>135</sup>

Observamos que os contatos iniciais entre o homem e a natureza foram se ajustando em função dos interesses advindos que atuam como portadores das transformações e

---

<sup>131</sup> VALVERDE. O. Fundamentos Geográficos do Planejamento rural do município de Corumbá. *Revista Brasileira de Geografia*, 34 (janeiro-março 1972) p. 59

<sup>132</sup> CORRÊA, V. “*Pantanais Matogrossenses - Devastamento e Ocupação*. Publicação nr. 02, 1946.

<sup>133</sup> CARVALHO, N de O. Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai. In: BRASIL. DNOS. *Estudos Hidrológicos da Bacia do Alto Paraguai*. Rio de Janeiro: 1974. 4v. p. 47

<sup>134</sup> LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, 2005, p. 174.

<sup>135</sup> SOUZA, L. G., *Retrospectiva Histórica do Pantanal*, 1986, p. 200.

danos posteriores. Esses contatos estavam estritamente ligados à natureza, e conhecê-los auxiliou na fixação e permanência no local. Dourojeani alerta para o fato de que o Pantanal que vemos “é fruto de milênios da ação humana sobre ele,”<sup>136</sup> assim, hoje, não é realmente natural, visto a “introdução voluntária ou involuntária de espécies exóticas, sejam plantas ou animais e, em especial, peixes [...]”<sup>137</sup>, elementos, esses, alheios ao ambiente.

A implantação de atividades econômicas, como a pecuária, integra essa categoria das ações transformadoras que provocam danos, como a erosão e o assoreamento, e trazem consequências: uma maior frequência e/ou intensidade das enchentes, ou mesmo a ausência dessa, que provoca alterações ecológicas, afetando todos os ecossistemas. Amparados na análise de Bergier, consideramos que tais modificações estão diretamente vinculadas aos impactos ambientais, aos quais o Pantanal foi exposto a partir da década de 1970, considerando o aspecto de que

[...] os impactos mais evidentes da supressão da vegetação nativa e substituição por culturas agrícolas, especialmente pastagens com manejo inadequado, são relacionados à ruptura do equilíbrio dinâmico dos solos, à instalação de processos erosivos e o conseqüente assoreamento de cursos d’água que abastecem boa parte do Pantanal.<sup>138</sup>

É sabido que a vegetação natural mantém, na região, um processo de erosão natural, atenuando a ação das chuvas no solo. A remoção da vegetação natural pode instalar na região um processo de erosão, causando o assoreamento dos cursos d’água, prejudicando a manutenção da fertilidade dos ecossistemas. As águas contribuem para a renovação dos campos, no entanto, é preciso considerar que alterações substanciais refletem em impactos ambientais irreversíveis, como o esgotamento das pastagens e a inserção de uma vegetação alheia ao sistema biótico da planície pantaneira, que atuam como competitivas para a adaptação ao ambiente.

A revisão bibliográfica, o referencial teórico, os levantamentos e as entrevistas indicaram e confirmaram algumas reflexões desse processo de análise dos ciclos climáticos alternados no Pantanal sul-mato-grossense e estabelecem uma relação de ambiguidade. As secas são tidas como extremamente danosas para os ecossistemas e desencadeiam ações como as queimadas que em muito modificam a paisagem pantaneira. Muitos efeitos dessas queimadas têm seu reflexo no sistema organizacional das populações residentes nas áreas afetadas.

A seca no Pantanal atinge seu ápice de julho a setembro, quando a água está restrita aos leitos dos rios ou as áreas de lagoas, que apresentam uma concentração elevada de sais, e os banhados, também conhecidos como brejos ou alagadiços, nas partes

---

<sup>136</sup> DOUROJEANI, M., *Construindo o futuro do Pantanal*, 2006 p. 55.

<sup>137</sup> Idem, p. 60.

<sup>138</sup> BERGIER, I. et al., *Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas*, 2008, p.16.



mais baixas. Somente o regime das chuvas pode alterar esse quadro. No entanto, é possível constatar que algumas regiões mais altas raramente são atingidas pelas águas e estão mais suscetíveis aos danos ambientais provenientes da ação das queimadas.

Na época das secas, são muito comuns as queimadas amplamente utilizadas pelos fazendeiros da região para a limpeza dos campos. Acredita-se que, dessa forma, há um estímulo no rebrotamento, quando iniciado o período das chuvas. As queimadas foram utilizadas como uma técnica de preparação do solo para a agricultura. No entanto, a prática de queimadas da vegetação rasteira, ainda praticada, mostra que “a cinza resultante é buscada como fertilizador, embora em longo prazo o resultado seja maléfico, acarretando a degradação inevitável do solo.”<sup>139</sup> A destruição da matéria orgânica é inevitável, visto que após as primeiras chuvas o potássio é reduzido a carbono solúvel.

Essa concepção de renovação através do fogo pode trazer sérias consequências para o Pantanal. Nesse processo, o fogo atua como agente transformador das fisionomias originais da região pantaneira e seu entorno. Nos períodos de estiagens prolongadas, o fogo, ao se alastrar de forma desordenada, adentra outras áreas, consumindo grande quantidade de gramíneas e outras espécies da flora. Muitas espécies nativas e animais silvestres sofrem drasticamente a ação das chamas. Como a paisagem característica do Pantanal é de planície e campos, vasta com alterações na vegetação que oscila entre permanente e efêmera, os chamados campos cerrados, e a cobertura vegetal é basicamente constituída por espécies comuns aos cerrados, as queimadas tornam-se um perigo iminente e constante.

É muito comum deparar-se com a expressão “dequada”, quando se fala em queimadas, no Pantanal. Na linguagem dos moradores da região pantaneira, como Porto Murtinho, a dequada é atribuída às queimadas que espalham fuligem e cinzas sobre a vegetação e sobre as baías – as inúmeras lagoas espalhadas pelo Pantanal com caráter temporário ou permanente<sup>140</sup> – e causam a morte de grande quantidade de peixes. Em entrevista com o pescador Antonio Sória, ele nos conta que

[...] a dequada que fala né, depois da queimação, no tempo de agosto, aquele queimação, é queima o mato, e depois vem a chuva e leva tudinho aquela queimação dentro d'água. Aquele lá, a contaminação do mato assim, leva dentro d'água mata os peixe. Mata tudo que tem dentro d'água (...) peixe de fundo, morre tudinho. Bagre, jaú esse ai não guenta fica de boca aberta na flor de água (...) Por que não agüenta mais, estufa a barriga dele de ar e fica lá, ai o urubu vem comer.<sup>141</sup>

---

<sup>139</sup> CANDIDO, A., *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 2001, p. 58.

<sup>140</sup> Temporárias são abastecidas pelas águas das chuvas e permanentes se localizam nas proximidades dos rios e com eles mantêm comunicação.

<sup>141</sup> Antonio Sória. Entrevista em 20/08/2008. Porto Murtinho, MS

Segundo Calheiros, a “água de dequada” caracteriza-se “por apresentar uma coloração escura, semelhante ao chá preto, devido a compostos orgânicos dissolvidos provenientes do processo de decomposição.” As cinzas das queimadas, provocando uma elevação do PH<sup>142</sup> da água, e podem causar a mortandade de peixes. Prosseguindo, em conformidade com a autora, “originalmente o nome “água de dequada” refere-se à água de cinzas usada na fabricação caseira de sabão, cuja cor é idêntica à cor formada durante o fenômeno, daí o nome popular.”<sup>143</sup> É conhecimento empírico na leitura do ambiente.

Para Martins, “a ação humana interage com as forças da natureza, provocando impactos sobre os ambientes e “reações” do mundo natural.”<sup>144</sup> Todavia, ainda em conformidade com o autor, que está apoiado no ponto de vista de historiadores ambientais, esta “ação humana pode agravar a situação ambiental e potencializar as catástrofes, bem como contribuir decisivamente para a desorganização dos biomas.”<sup>145</sup> Nesse contexto, as queimadas, para o bioma pantaneiro, são nocivas e atuam como elemento modificador, posto que o período de estiagem é problemático para a economia local, que está alicerçada na pesca e na pecuária. Sua antítese, as cheias, contribui para a manutenção de suas características geomorfológicas, climáticas e geológicas condicionantes, para a retenção das águas, de nutrientes e de sedimentos que compõem a depressão, isso sem causarem impactos ou comprometer a recomposição dos ecossistemas bióticos e abióticos.

As extensas áreas inundáveis têm a função de reter e repor nutrientes para o solo. Os ciclos climáticos são alternados, não seguindo, no entanto, uma regularidade específica. Estipula-se que as enchentes ocorram de cada 10 a 13 anos. No sul, o trimestre mais chuvoso é o que compreende os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. É notória a concentração e a precipitação das chuvas nos meses de verão, quando o período é de alta umidade do solo. A alternância nos ciclos climáticos e a miríade de inter-relações que envolvem os sistemas bióticos e abióticos dificultam no sentido de um estudo definitivo e em profundidade, no que se refere à complexidade de seus ecossistemas. Resende, quando da análise e estudo dos pulsos de inundações, considera que

[...] a planície de inundação, por ser periodicamente inundada, age como um bioprocessador e os nutrientes inorgânicos transportados do rio para a planície de inundação são utilizados por diferentes comunidades de produtores primários durante as fases terrestres e aquáticas para produzir matéria orgânica que é utilizada por comunidades consumidoras aquáticas e terrestres, resultando em produções primária e secundária altas.<sup>146</sup>

---

<sup>142</sup> Potencial hidrogeniônico. É um índice que indica o grau de acidez, neutralidade ou alcalinidade de um meio qualquer.

<sup>143</sup> CALHEIROS, D. F. et al., *Conhecimento Empírico de uma comunidade Ribeirinha do Rio Paraguai sobre o fenômeno natural de mortandade de peixes no Pantanal*, 1996, p. 464.

<sup>144</sup> MARTINS, M.L., *História e meio ambiente*, 2007, p. 23.

<sup>145</sup> Idem, p. 23.

<sup>146</sup> RESENDE, E. K., *Pulso de inundação: processo ecológico essencial à vida no Pantanal*, 2008, p. 9.

A necessidade de preservação de suas áreas úmidas, em tal situação, com características que mantêm suas especificidades, tanto em termos econômicos quanto científicos, é de suma importância. A título de exemplo, para a necessidade de preservação é que grande parte dos ciclos de reprodução aquática e silvestre está intimamente associada aos ciclos de inundação e, por conseguinte, às estiagens. Ainda em conformidade com a autora,

[...] a inundação proporciona abundantes e variadas fontes alimentares para peixes detritívoros, herbívoros, insetívoros e onívoros que são a base da cadeia alimentar dos peixes carnívoros e de outras espécies animais que os consomem como aves aquáticas, jacarés, lontras e ariranhas. A inundação propicia, ainda, o desenvolvimento de toda uma vegetação aquática que serve de abrigo e alimento aos peixes.<sup>147</sup>

Ante esse fato, é possível perceber que a geomorfologia e a hidrologia, ou melhor, sua interação se constitui na base de sustentabilidade da estrutura biótica dos ecossistemas pantaneiros. Posicionado hidrológica e geomorfologicamente, o Pantanal atenua e reduz o escoamento da bacia de drenagem do Alto Paraguai, funcionando como um “imenso reservatório natural, recebendo vazões distribuídas e oriundas do Alto Paraguai e seus afluentes, e as concentrando no escoadouro da bacia, a confluência com o rio Apa.”<sup>148</sup> Isso significa que as enchentes, com suas águas barrentas, formam a pedra angular dos ecossistemas que compõem o mosaico pantaneiro. Caso ocorram mudanças em qualquer estágio do seu regime hidrológico, esse impacto será drasticamente sentido na sua biota.<sup>149</sup> A preservação e a conservação da vegetação natural do Pantanal não serão resultantes de planos de conservação ambiental, e, sim, do fator hidrológico que atua como regulador através de seus ciclos de inundações irregulares.

As interferências atuam como fator inibidor causando o aumento, ou mesmo uma estiagem mais prolongada, que afetaria diretamente a vegetação natural. As inundações são limitações impostas para a implantação de culturas agrícolas na região, associadas à baixa fertilidade do solo. As áreas desmatadas são especificamente convertidas em pastagens que se destinam a suplementação do rebanho bovino no período das cheias e, em alguns casos, utilizadas como maternidade para o plantel da fazenda.<sup>150</sup> Para Silva, é notório que as

[...] áreas florestadas mais atingidas pelos desmatamentos são as savanas florestadas (Cerradão) e as savanas arborizadas (Cerrado e Campo-cerrado), nos municípios de Rio Verde de Mato Grosso, Santo Antonio do Leverger e Corumbá. No município de Porto Murtinho, os desmatamentos

---

<sup>147</sup> Idem, p. 11.

<sup>148</sup> PONCE, V., *Impacto hidrológico e ambiental da Hidrovia Paraguai-Paraná no Pantanal Mato-grossense*, 1995. s/p

<sup>149</sup> Idem, s/p.

<sup>150</sup> SILVA, J. dos S. V. da. et al., *Levantamento do Desmatamento no Pantanal Brasileiro até 1990/91*, 1998, p. 1742.

ocorrem nas savanas estépicas florestadas (mata, mata chaquenha) e savanas estépicas arborizadas (Chaco). Como este município localiza-se numa área de transição entre savana (Cerrado), savana estépica (Chaco) e floresta estacional (mata calcária), ocorrem também desmatamentos nessas outras fitofisionomias.<sup>151</sup>

Quanto ao estudo da Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões, Silva e Abdon<sup>152</sup> classificam e descrevem as sub-regiões e os municípios que a compõem. (tabela1) Nessa descrição, a sub-região de Nabileque, que agrega os municípios de Corumbá, Porto Murtinho, Miranda e a sub-região de Porto Murtinho, localiza-se somente no município de Porto Murtinho. É um centro urbano concentrador de aspectos inerentes à planície pantaneira, como as áreas alagadiças em seu entorno.

A cidade de Porto Murtinho está mais vulnerável à ação das águas das inundações. A economia de caráter exploratório e extrativista da erva-mate e do tanino é fator que contribuiu para o aumento das áreas de erosão, deixando a área desprotegida. O Fecho dos Morros funciona como um funil, reduzindo a intensidade e a correnteza das águas. Segundo Corrêa Filho, seguindo em direção ao sul, “sem se distanciar grandemente em longitude, empina-se o Fecho-dos-Morros, entre cujas excrescências se afunila o rio Paraguai, engrossado pelos seus tributários mato-grossenses a montante do Apa.”<sup>153</sup>

A porção sul da bacia do alto Paraguai compõe a província fitogeográfica chaquenha, apresentando os carandazais e paratudais, na região alagadiça do Nabileque, e consideráveis florestas de quebracho e aroeira. Os deslocamentos, no período das enchentes, contribuíram para um largo desmatamento das árvores de carandá, utilizadas para a construção das barracas e dos jiraus. Segundo Leonardi, o processo extrativista “por suas próprias características, é atividade que não pode ser pensada como se os seres humanos pairassem acima da natureza e do meio ambiente”<sup>154</sup> e conclui que a natureza não pode ser pensada como se estivesse separada da realidade social.

O baixo curso do rio Apa apresenta uma área de Pantanal com enchentes que transbordam o rio e inundam as regiões circunvizinhas. Se considerarmos que cada sub-região apresenta características singulares de solo e da vegetação, há dificuldades na elaboração de um esquema único que vise preparar um sistema de caráter preventivo no período das inundações. Faz-se necessário, portanto, montar tantos sistemas quantos forem as variações de cada sub-região<sup>155</sup>, sistemas que contemplem as informações essenciais, como as informações do nível de água e as características morfológicas em cada uma das sub-regiões. Para Adámoli, “a análise da dinâmica das inundações no Pantanal deve partir

---

<sup>151</sup> Idem, p. 1743.

<sup>152</sup> SILVA, J. S. V. da & ABDON M. M. *Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas Sub-Regiões*, 1998, p. 1710.

<sup>153</sup> CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 8.

<sup>154</sup> LEONARDI, V. P. de B., *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*, 1999, p.15.

<sup>155</sup> ADÁMOLI, J. A., *A Dinâmica das inundações no Pantanal*, 1984, p. 60.

dos macrocondicionantes regionais, passar pelo comportamento das bacias dos tributários para, finalmente focalizar os casos particulares.”<sup>156</sup>

O Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai - PCBAP<sup>157</sup> aponta, de forma concisa, que os problemas advindos com as inundações dependem muito do grau de ocupação das áreas atingidas. Conseqüentemente, um centro urbano terá problemas que abrangem a infraestrutura e também sua estrutura organizacional e necessitará de ações que vão além dos deslocamentos, envolvendo vários setores da sociedade. Ainda de acordo com o PCBAP, “o crescimento desordenado e acelerado das cidades [...] as áreas de risco considerável, como as várzeas inundáveis, foram ocupadas, trazendo como consequência prejuízos humanos e materiais de grande monta.”<sup>158</sup>

A previsão das enchentes, no caso do Pantanal “em tempo real”<sup>159</sup>, e o acompanhamento delas, ou seja, prever sua vazão antes da ocorrência, somente é possível com poucos dias ou mesmo horas de antecedência. No entanto, tem-se a possibilidade de uma estimativa em médio prazo, em função da baixa velocidade de escoamento das águas. Nesse caso, a cidade de Porto Murtinho terá uma estimativa do índice de inundação em um período de curto espaço de tempo.

Para que possamos concluir em parte esse diálogo, é realmente indiscutível o fato de que, sendo uma planície sedimentar em processo de constante formação e transformação, muitas serão as alterações geomorfológicas. Indiscutível também é que tais alterações podem ser tanto naturais quanto antrópicas. Certamente, o homem não terá controle sobre elas e, na resultante, tais adversidades consistem na luta constante do homem e natureza, sendo essas de adequação, assimilação e apropriações com a necessidade de conhecer as minudências que circundam esse espaço tão caprichosamente delineado, para a contínua ocupação da região que compreende os Pantanaís.

É fato que as enchentes são uma característica iminente dos pantanaís, porém passam a constituir uma problemática a partir da implantação de atividades econômicas que geram apropriações e desapropriações, nos mais variados aspectos. Nesses ecossistemas dependentes das cheias e de sua antítese, as secas, que caracterizam no período de um ano dois pantanaís sazonais, o homem apreende os modos que permitem a continuidade das atividades por ele desenvolvidas.

Mediante tal exposição, consideramos que as enchentes no Pantanal são resultantes de sua formação fitogeográfica e de sua rede hídrica, constituindo-se em aspecto central para o equilíbrio dos ecossistemas componentes da depressão pantaneira, onde a anatomia do solo é feita em torno dos recursos naturais da drenagem e a variação cíclica entre os

---

<sup>156</sup> Idem, p. 61.

<sup>157</sup> PCBAP/PNMA, *Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente*, 1997.

<sup>158</sup> Idem, p. 477.

<sup>159</sup> Idem, p. 484.

períodos de inundações e estiagem está atrelada. As inundações, após o período de estiagem, apresentam-se como menos danosas, por encontrarem o solo ressequido, o que facilita a absorção da água.

Entretanto, caso as águas encontrem um solo com resíduos de inundações, a absorção será mais lenta e as inundações atingirão maiores proporções. Aliado a isso, existe o tempo de escoamento das águas na direção norte/sul, que Valverde descreve como “discordância, quase em oposição.” Lembrando que a planície estende-se pelo curso médio do rio Paraguai, que vai da foz do Jauru, ao norte, até à foz do rio Apa, ao sul, desenvolvendo-se numa faixa de 125 e 83 metros acima do nível do mar, respectivamente.<sup>160</sup> O período aproximado do deslocamento das águas gira em torno de três meses.

As enchentes extraordinárias, como as de 1959, 1974, 1979, 1980, 1982 e 1988, (gráfico 2) são raras, e somente ocorrem quando todos os rios são atingidos e pelo transbordamento do rio Paraguai, quando suas margens alagam, para além de espaços entre 25 e 40 km, saturando a capacidade de absorção da água. Salvo as exceções, as enchentes são reguladas e atingem apenas partes do Pantanal, não sendo consideradas danosas ou calamitosas para a planície. Anterior à enchente de 1959, ocorreu um período de estiagem de, aproximadamente, doze anos; foi nesse período que foram construídos poços artesianos para suprir a demanda da água para o rebanho bovino e para a população ribeirinha. Embora extraordinária, essa enchente de 1959 pode ser vista como um recurso regulador, operando na eliminação de diversas pragas resistentes às inundações de menor gradiente, recuperando, gradativamente, os ecossistemas.

A periodicidade das inundações passou por grandes variações, nas últimas décadas. As agressões, pelas quais os ecossistemas são submetidos, comprometeram a “ordem natural” do ciclo das águas. Os desmatamentos, por exemplo, prejudicam a absorção da água, os assoreamentos comprometem o leito dos rios e, como consequência, provocam maiores inundações; em contrapartida, a falta delas acarretaria um dano de grau mais elevado. A resultante de um período longo de secas são as queimadas difíceis de serem controladas e que avançam devastando os ecossistemas

Os relatos de viajantes e memorialistas apresentam o Pantanal como lugar inóspito e propenso as constantes inundações. Isso dificultava o acesso e o povoamento que se deu em sua orla, formando-se pequenos núcleos que, hoje, denominamos centros urbanos conservadores das características inerentes da região.

Destacamos aqui a nota de rodapé da obra “Marchas na História. Comitivas e Peões Boiadeiros no Pantanal”, quando o autor, ao descrever o processo de fixação, no início do

---

<sup>160</sup> VALVERDE, O., *Fundamentos geográficos do planejamento rural do Município de Corumbá*, 1972.

povoamento de Mato Grosso, faz a seguinte anotação sobre o ciclo de secas e enchentes no Pantanal:

Cabe notar que enchentes e secas, no Pantanal, sugerem a imagem de “faces de uma mesma moeda”. No imaginário popular elas constituem-se nos marcos definidores dos períodos do ano. Muito mais significativas que as estações verão, outono, inverno e primavera, a época da cheia ou época da seca imprime à região um calendário peculiar influenciando nas mais variadas atividades locais.<sup>161</sup>

O fluxo mais intenso de povoamento veio com a implantação das sesmarias, no Pantanal e, posteriormente, com a implantação da pecuária como economia possível para a região sul e a agricultura para as regiões mais ao norte, instalando-se nas bordas dos planaltos. As fazendas para a criação bovina se instalam pela depressão pantaneira. Tais iniciativas aceleram os desmatamentos, os processos erosivos e o assoreamento dos rios que formam o mosaico hídrico pantaneiro. Fator, esse, que contribui preponderantemente nas constantes inundações e períodos de intensa estiagem.

O Pantanal permanecia incólume, sob o olhar vigilante dos Paiaguá e Guaicuru, até meados do século XVIII. A garantia das fronteiras portuguesas foi estabelecida com a construção de fortificações, como, Forte Coimbra, em 1775; Miranda, em 1776, e a implantação de núcleos, tais como, Corumbá e Cáceres, em 1778, e, posteriormente, Poconé, em 1781. Atréadas a esses núcleos, protegidas pelas fortificações, apareceram as primeiras fazendas de gado, estabelecendo-se latifúndios obtidos através das concessões de sesmarias que chegavam a medir, aproximadamente, 13.000 ha e, que poderiam ser solicitadas várias vezes pelo mesmo requerente.

O interesse pelas faixas de terras vinha ao encontro dos interesses da coroa portuguesa, garantindo, assim, a posse da grande planície. Em terras mais prósperas, como na região serrana, as sesmarias se constituíam em faixas de terras de uma légua, ou seja, aproximadamente, 3.600 ha.<sup>162</sup> As primeiras doações de sesmarias datam de 1727<sup>163</sup>. Em 1748, Portugal criou a capitania de Mato Grosso, como forma de garantir a fronteira<sup>164</sup>, construindo, dessa forma, um eficiente sistema de defesa. As doações de sesmarias variavam em suas medidas, atendendo ao critério de medidas para lavoura e as destinadas para a criação de gado. Tais extensões eram extrapoladas, em decorrência das dificuldades

---

<sup>161</sup> LEITE, E. F., *Marchas na História; comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*, 2003, p. 54.

<sup>162</sup> FIGUEIREDO, A., *A propósito do Boi*, 1994, p. 105.

<sup>163</sup> CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 63.

<sup>164</sup> Em tempo, salientamos que não é nosso intuito a discussão sobre fronteira, que não se constitui no eixo da pesquisa. “Fronteira”, no nosso entendimento, diz respeito a uma experiência histórica complexa, tanto quanto é tratar do conceito. O objeto da pesquisa encontra-se na fronteira, mas voltamos a atenção para a temática pesquisada. Utilizamos o termo, no decorrer do texto dissertativo, no sentido de limite que demarca um país e o separa de outro(s), ou seja, como uma área contígua (adjacente/próxima) a esse limite.

encontradas para efetivar suas medições e no controle das terras apossadas pelos interessados na sua aquisição.<sup>165</sup>

Para os habitantes das regiões ribeirinhas do Pantanal e também para os moradores dos centros urbanos, as inundações não são prejudiciais. Mesmo reconhecendo sua vulnerabilidade, admitem que, sem as águas, a sobrevivência de todos seria colocada à prova, suscitando novas estratégias que, em muito, contribuiriam para a degradação ambiental do Pantanal e seu entorno. Os problemas advindos dos ciclos climáticos, ou seja, os danos causados pelas cheias e pela seca, não são classificados como insuportáveis, ao contrário, são esperados.

É nesse contexto que inserimos a análise das relações entre o homem, a sociedade e a natureza. Nuances de uma relação, contidas nas palavras de Silvério, quando fala da enchente no Pantanal. Ele pergunta ao pesquisador:

Acho que você já conhece o Pantanal, já viu ele cheio, né? Então cê sabe o que é o Pantanal. Eu tenho que torcê pra enchê todo ano o Pantanal. Não enchê pra dá prejuízo pra ninguém, não. A coisa equilibrada, né?<sup>166</sup>

As implicações das enchentes, em todo o Pantanal e nas cidades de seu entorno, produzem significados que marcam a vida desses homens de formas variadas. As representações que cada um elabora possuem traços comuns, mas a maneira com que o ciclo das águas no Pantanal afeta a cada um, por sua vez, pode ser bastante diferenciada. A leitura sobre o fenômeno tem a ver como o lugar social, com o espaço geográfico e, certamente, com a ligação econômica existente entre o indivíduo e o ambiente.

As estratégias de sobrevivência fazem com que essa ligação do homem pantaneiro com o meio ambiente crie uma relação de respeito e de leitura das mudanças ambientais que vão sendo percebidas. Essas mudanças são expressas através das alterações e dos desequilíbrios ambientais, como, por exemplo, o atraso do período das cheias ou seu inverso, os períodos de secas prolongadas e, ainda, os longos anos de cheias denominadas extraordinárias.

#### **1.4 Relação homem e natureza: elos “aparentemente” harmônicos**

O termo natureza, no sentido mais geral, pode indicar um conjunto de elementos existentes. Etimologicamente, o termo deriva do verbo latino ‘nasci’, ou seja, ‘nascere’ que, por sua vez, é homólogo do verbo grego ‘physein’, que significa ‘ser gerado’<sup>167</sup>. Ainda de acordo com a Enciclopédia Einaudi, caso pensemos em sentidos menos gerais, o termo

---

<sup>165</sup> SILVA, C.J. da. SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*, 1995, p. 46.

<sup>166</sup> FERNANDES, F. A., *Entrando no mundo de Silvério: Postscriptum de um diário de campo e outras reflexões*, 2007, p.175.

<sup>167</sup> MICHELI, G., *Natureza*, 1997, p.11.



natureza tem um dos seguintes significados: totalidade, essencialidade e nascimento, considerados separadamente, mas com uma ligação implícita e subentendida entre eles. Buscando seu significado, no Dicionário Houaiss, encontramos que natureza pode ser entendida como um conjunto de elementos do mundo natural, como cenário natural, todos os seres que constituem o universo e, filosoficamente, é essência. O homem é parte integrante desse universo, tanto quanto a natureza, embora suas ações frente a ela não sejam meras adaptações, elas são motivadas por desejos e interesses que atendem suas necessidades de sobrevivência.

Assim, pode-se concluir que o homem deve e tem obrigações para com a natureza e seus ciclos de vida. A natureza não existe meramente para satisfação dos desejos expansivos do homem. A reciprocidade e as adaptações são permanentes.

Ao discorrer sobre a “ideia” que temos de natureza, Donald Worster aponta que ela engloba percepção, ideologia e valor. O autor explica que, “quando se fala em natureza, ideias, significados, pensamentos, sentimentos aglomeram-se porque tentamos indicar várias coisas ao mesmo tempo”<sup>168</sup>, podemos até mesmo dizer que a natureza é algo fora de nós, “podemos supor também que a natureza se refere a algo radicalmente distinto de nós, que ela está em algum lugar “lá fora”, parada, sólida, concreta, sem ambiguidades.”<sup>169</sup> Na análise de Worster, “há um consenso de que “natureza” designa o mundo não-humano, o mundo que nós não criamos originalmente”, ainda em conformidade com o autor, o “ambiente social” no qual os seres interagem, “na ausência da natureza, fica, portanto excluído.”<sup>170</sup>

Para Zarrilli “existe uma estreita relação entre sociedade e meio ambiente e, os mesmos são respectivamente subsistemas de um sistema global que se condicionam entre si.”<sup>171</sup> Os traços entre o homem e a natureza, para o autor, por vezes, não resultam em um contínuo processo de progresso, eles atuam como um modelo de troca unilateral que reflete na destruição da vida, na diminuição da capacidade reprodutiva da terra, como um corpo orgânico que exerce influências na qualidade de vida do homem e na sua subsistência.

Prosseguindo, de acordo com o autor, para se fazer uma análise integral dos sistemas que envolvem os subsistemas social e natural, aqui vistos como sociedade e natureza, faz-se necessário a incorporação das formas em que as ações antrópicas influenciam os sistemas e modificam alguns de seus atributos como a estabilidade e a comprovação de tais danos em níveis de artificialização, assim como sua capacidade de

---

<sup>168</sup> WORSTER, D., *Para fazer História Ambiental*, 1991, p. 206.

<sup>169</sup> Idem, 201.

<sup>170</sup> Idem, 201.

<sup>171</sup> ZARRILLI, A., *Transformacion ecológica y precariedad econômica em uma economia marginal. El Gran Chaco Argentino, 1980-1950*, 2000, p. 1.

adaptar-se aos fatores climáticos. Mas o que temos, na concepção do autor, são diagnósticos que não aprofundam as contradições entre sociedade e natureza.<sup>172</sup>

Partindo desse contexto, não podemos mais estudar as alterações sofridas pelo ambiente, pela natureza, de uma maneira positivista, onde nos prendemos na “narração do que ocorreu,” desconsiderando as implicações das trocas realizadas entre homem e natureza, natureza e sociedade, que suplantam a ideia de simples modificações, podendo ser consideradas básicas, do ambiente. Para um estudo da natureza, de acordo com Worster, podemos considerar que, na qualidade de organismos vivos, “os seres humanos nunca conseguiram viver num isolamento esplêndido, invulnerável”, então, percebemos a participação dos indivíduos nos ecossistemas como organismos biológicos. Assim, nessa condição, o homem “tem sido parte inseparável da ordem ecológica do planeta.”<sup>173</sup>

Por sua vez, o enfoque cultural-intelectual abre a possibilidade de integrar-se comodamente com as tradições dos historiadores, ou seja, suas fontes, métodos e temas são familiares à história intelectual no que tange às representações. Keith Thomas é um expoente desse enfoque. Na obra, “O homem e o mundo natural”, mostra que ocorre “uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor.”<sup>174</sup> O autor apresenta as modificações consolidadas na medida em que a natureza estava cada vez mais subjugada, deixando de representar uma ameaça ao homem. Natureza domesticada, mas não completamente dominada e suprimida.<sup>175</sup>

No Brasil, a partir da década de 1990, as questões ambientais começam a tomar forma e a ganhar “visibilidade e materialidade”, despertando atenção para a necessidade da preservação e do chamado desenvolvimento sustentável. Interesse esse associado aos novos espaços e a uma rede de comunicação que, em tempo real e num breve período de tempo, apresenta informações de constantes e aceleradas mudanças sociais e os impactos ambientais por elas produzidos. Atrelado a essas transformações, está a necessidade de conhecer as relações entre os seres humanos e a natureza, nas diferentes épocas e sociedades. Para Martinez, tal aspecto permite entender que “a separação e a distância do passado são cada vez menores.”<sup>176</sup> A questão posta por Martinez é de que “a pesquisa e a reflexão sobre o passado ambiental, no Brasil, podem convertê-lo em um ativo e fecundo laboratório do ofício do historiador.”<sup>177</sup> Regina Horta analisa que essa inserção está baseada no fato de que ocorreu um descortinar cultural e histórico das imagens sobre a natureza, o

---

<sup>172</sup> Idem, s/p.

<sup>173</sup> WORSTER, D., *Para fazer História Ambiental*, 1991, p. 206.

<sup>174</sup> THOMAS, K., *O homem e o mundo natural*, 1988, p. 18.

<sup>175</sup> Idem, p. 326.

<sup>176</sup> MARTINEZ, P.H., *Brasil: Desafios para uma História Ambiental*, 2005, p. 28.

<sup>177</sup> Idem, p. 34.

que reforçou a “concepção de que a forma como os homens descrevem e compreendem o mundo natural é inseparável dos valores e conflitos vividos.”<sup>178</sup>

Um exame dessas mesmas transformações auxiliaria no entendimento do contexto ambiental mais amplo, como as catástrofes ambientais que assolam o mundo contemporâneo, os terremotos, os longos períodos de secas; em contrapartida, há o excesso de chuvas em determinadas regiões, obviamente, não partindo apenas da interpretação do fenômeno da destruição ambiental promovidas pelas relações de apropriações da natureza pelo homem ao longo do tempo.<sup>179</sup> Considerando o meio ambiente não apenas como um cenário passivo e estático em que se opera a trajetória humana, perceberemos que o homem atua como um construtor da natureza, ou seja, sociedade e natureza se moldam mutuamente.<sup>180</sup> A utilização do solo para a produção de alimentos e sua dimensão produtiva e econômica pode ser citado como exemplo.

O impacto é gerado por todas as sociedades em seus segmentos seculares e a diferença consiste apenas no grau de intensidade de tal impacto ambiental. Os aspectos que envolvem esse impacto são críticos e merecem uma análise apurada pelas diversas áreas de conhecimento. O diálogo interdisciplinar pode auxiliar na construção de novas reflexões abarcando simultaneamente todos os aspectos. Em conformidade com Martins,

[...] o fator geográfico, o fator demográfico, o fator econômico, o fator técnico, o fator cultural, estão todos imbricados nos problemas ambientais e devem ser analisados conjuntamente, a luz de quadros dilatados do espaço e do tempo.<sup>181</sup>

Faz-se necessário, portanto, pensar e rever algumas concepções que temos quando estudamos uma determinada região em seus aspectos culturais, sociais, onde traços de uma concepção ocidental atuam como base de análise. Partimos da ideia de que existe um grau elevado de dificuldade em apontar se os danos aos quais os ecossistemas foram expostos são resultantes tanto da ação humana quanto de fatores não humanos.<sup>182</sup> No caso do Pantanal, mais especificamente os ciclos das águas, devemos atentar para o fato de que,

[...] para numerosas sociedades e grupos sociais, a natureza é mais do que mero meio de subsistência. Ela está diretamente ligada ao sistema de crenças e de conhecimento de maneira que ela é um recurso sociocultural. Para diversos povos na natureza estão inscritas as mais básicas noções de autodeterminação, de articulação social, de vivência e crenças religiosas, para não falar na existência da sociedade.<sup>183</sup>

---

<sup>178</sup> DUARTE, R.H., *Pássaros e cientistas no Brasil; Em busca de proteção, 1894-1938*, 2006, p. 4

<sup>179</sup> MARTINS, M. L., *História e meio ambiente*, 2007, p. 10

<sup>180</sup> Idem, p. 21

<sup>181</sup> Idem, p. 25.

<sup>182</sup> WORSTER, D., *Para fazer História Ambiental*, 1991, p. 205.

<sup>183</sup> MARTINS, M. L., *História e meio ambiente*, 2007, p. 35.

Analisamos, portanto, que, se a natureza é parte integrante da natureza humana, há uma ligação tênue entre ambas que ultrapassa a materialidade. Tentamos uma explicação melhor, utilizando a análise de Bachelard ao inserir a discussão no campo da psicanálise. Segundo suas observações, “compreende-se bem depressa que os traços objetivos da paisagem são insuficientes para explicar o sentimento pela natureza [...]” A partir desse fator, acrescenta que “não é o conhecimento do real que nos faz amar apaixonadamente o real” e complementa “a natureza, começamos por amá-la sem conhecê-la, sem vê-la bem, realizando nas suas coisas um amor que se fundamenta alhures.”<sup>184</sup>

Com cautela, mediante as observações do autor, levantamos o questionamento do fascínio que exercem as imagens construídas e comercializadas sobre o Pantanal e, nesse fascínio, o elemento de maior amplitude são as águas. Essas que, por sua vez, despertam para o encantamento que configura a água como o olhar da terra, que, por deveras, está associado, ainda, nas palavras de Bachelard ao “seu aparelho de olhar o tempo.”

Em *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*<sup>185</sup>, o autor atenta para o número de pesquisas desenvolvidas e dos trabalhos que se tem escrito sobre o Pantanal, com abordagens e enfoques direcionados à preocupação com o meio ambiente, mas que estão desvinculados das populações que habitam esses espaços, como se elas estivessem alheias a eles. Suas justificativas giram em torno do fato de que o conjunto escrito auxilia, em muito, para a percepção e resolução de problemas que envolvem o meio ambiente e a preservação dos ecossistemas em sua totalidade, mas, ao mesmo tempo, não permite perceber as singularidades e especificidades da cultura local através de seus habitantes.

Essas observações são necessárias para mostrar que, de início, deve-se considerar também a mistificação do espaço, portanto, entender como uma determinada cultura pensa a natureza. Em que valores estão apoiadas tais percepções e significados e ainda como o homem interfere e modifica a natureza com base nos valores culturais e nos constrangimentos aos quais expõe os ecossistemas, bem como as consequências desse ato. Negligenciar tal fato é o mesmo que sucumbir aos determinismos e a busca de explicações simplistas no que tange as perturbações que afetam o equilíbrio dos ecossistemas, considerando que o mundo natural tem seu ritmo de desenvolvimento e organização.

A combinação de fatores naturais e humanos pode originar e moldar novas paisagens, onde a ação humana, interagindo com as forças da natureza, provoca impactos sobre os ambientes. Por conseguinte, a natureza não pode mais ser pensada como inerte,

---

<sup>184</sup> BACHELARD, G., *A água e os sonhos; Ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 119.

<sup>185</sup> SILVA LEITE, M. C., *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003.

como uma “paisagem intocada.” É imprescindível, no caso do Pantanal, deixar de lado a construção edênica que fascinava os viajantes do Século XVI. A natureza, tal como o homem, não permanece mergulhada na inércia, está em movimento contínuo, um movimento intenso e que perdura por milênios. Assim, concluímos que as sociedades não estão acima da natureza ou fora dela, são partes integrantes do mesmo universo. A ameaça que a humanidade tem provocado a si mesma é a gradual degradação ambiental.

É de suma importância, o entendimento das concepções elaboradas sobre o Pantanal. Ideias semelhantes podem ser percebidas nesse sentido, quando Albana Xavier assinala que tal atitude “obriga-nos a reexaminar nossa posição diante dos problemas ambientais [...]”<sup>186</sup> Logo, pensar o Pantanal como um paraíso encerra a possibilidade de uma relação entre homem e natureza que, além de ser uma relação de câmbios, é também de apropriação e adaptação, significando transformações do espaço pelo homem, que é parte integrante do sistema ecológico pantaneiro.

Segundo Xavier, dois fatores importantes que caracterizam o Pantanal repercutem diretamente no *modus vivendi* do homem que habita a região. O primeiro fator é “o isolamento em relação as grandes metrópoles do país”, o segundo fator é “a proximidade com os países latinos.”<sup>187</sup> Aliados, esses fatores permitiram a fixação de “traços culturais advindos de grupos culturalmente diversos”<sup>188</sup> que passaram a configurar todo um sistema cultural tipicamente pantaneiro. A esse respeito, Costa ressalta que

[...] um ambiente que se impõe e determina o ritmo da vida conseqüentemente, seus habitantes, de tantas e populosas nações desenvolvem uma cultura de equilíbrio e adaptação a este ambiente de paisagem móvel.<sup>189</sup>

Nesse sentido, entendemos que a relação do homem com a natureza não pode ser ingenuamente descrita como um processo de todo harmônico, no entanto, é mais que notório que “esta região concentra uma diversidade de manifestações e formas de viver e relacionar-se com o ambiente muito *sui generis*.”<sup>190</sup>

Ao definir a História Ambiental como uma relação mútua entre homem e natureza, Mc Neill considera que “o gênero humano tem sido durante muito tempo parte da natureza, porém uma parte diferente.”<sup>191</sup> Entende que, nos últimos milênios, o homem exerce uma considerável influência sobre os ecossistemas existentes. Sua análise é relevante, por tratar-se do câmbio entre homem e natureza. Ressalta que a natureza efetua trocas por si mesma e pelas ações humanas e, procedendo dessa forma, opera câmbios no contexto em

---

<sup>186</sup> NOGUEIRA, A. X., *O que é Pantanal*, 1990, p. 8.

<sup>187</sup> Idem, p. 21.

<sup>188</sup> Idem, p. 36.

<sup>189</sup> COSTA, M. de F., *História de um país inexistente; o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, 1999, p. 125.

<sup>190</sup> Idem, p. 177.

<sup>191</sup> Mc NEILL, J. R., *Naturaleza y cultura de la História Ambiental*, 2005, p.13.

que se desprende da história humana.<sup>192</sup> Para Banducci Jr, as intervenções humanas no ecossistema pantaneiro estão contidas nas particularidades do local, que inclui as secas e enchentes que se constituíram inicialmente como obstáculos para a ocupação,<sup>193</sup> entretanto, constituem-se como elementos integrantes, básicos e essenciais para a manutenção desses ecossistemas e para a permanência humana no Pantanal.

O câmbio que acontece entre homem e natureza gera a compreensão e estabelece uma relação mística e de respeito do pantaneiro pela natureza, e do morador urbano no Pantanal pelos seus ecossistemas. A assimilação de hábitos e costumes consolida os laços do seu cotidiano. As mudanças, as transformações estão associadas à natureza e ao ritmo que essa impõe nos seus ciclos climáticos. Mas é plausível considerar que as transformações advindas de um processo contínuo, sejam inofensivas ou não ao ambiente e às populações, atuam como um sistema desestruturante e artificialista nessas relações e também em relação à preservação dos ecossistemas. Alterações nos hábitos e costumes geram consequências na estrutura cultural e interferem nas relações sociais e cotidianas.

Estimamos a pertinência das considerações de Banducci Junior a esse respeito, ao falar da relação dos peões do Pantanal da Nhecolândia com a natureza. Segundo ele, a relação do peão com o mundo natural funda-se no respeito e no temor e exige dele uma série de procedimentos e cuidados, a fim de manter definida e equilibrada a relação entre o mundo da cultura e o mundo natural que, mesmo interligados, são percebidos como antagônicos.<sup>194</sup> Do ponto de vista do autor, a perspectiva de natureza desses homens “contempla elementos de caráter simbólico que fundamentam um modo próprio de perceber e relacionar-se com o ambiente da planície.”<sup>195</sup> Baseados em tais parâmetros mentais, determinam sua conduta ante a natureza. Simbolismos utilizados na construção de um espaço imaginário e ambíguo.

A linguagem, as crenças e as tradições que, ao longo do tempo, norteiam um convívio entre homem e natureza, e revelam o respeito pelo meio em que esse vive. Ao adquirir consciência da necessidade de mudanças, os riscos e benefícios de tais atitudes, junto aos ecossistemas, estão alicerçados na cultura que mantém e assegura tais vínculos.

Quando interrogados, muitos pescadores e chalaneiros do Pantanal, na sua resposta, a afirmação é quase que unânime, vem no formato de um questionamento tanto para si quanto para o interlocutor: “Como explicar isso tudo aqui? É o que você está vendo.” A partir de tais questionamentos, é possível perceber que para essas pessoas, inseridas em tal meio singular, o Pantanal não pode ser descrito com explicações simplistas. Sua leitura

---

<sup>192</sup> Idem, p. 22.

<sup>193</sup> BANDUCCI JUNIOR, A., *O significado simbólico da relação homem e natureza entre vaqueiros no Pantanal da Nhecolândia*, 1984, p. 423.

<sup>194</sup> Idem, p. 424.

<sup>195</sup> Idem, p. 424.

da natureza, do ambiente em que está inserido, supera a materialidade, adentra a um campo de ligações mais intensas que possibilitam sua sobrevivência, que permitem sentirem-se partes integrantes de tal natureza. Podemos pensar, em um sentido mais “árido”, ou seja, quando diz “é o que você vê”, pode significar que cabe a você produzir a resposta que deseja, formatar o espaço e nominá-lo de acordo com as suas necessidades e conceitos. As ponderações de Leite a esse respeito são pertinentes, pois ele observa que

[...] grupos sociais localizados fora do espaço urbano brasileiro (pequenos agricultores, pescadores, caçadores, lenhadores, seringueiros, garimpeiros, peões, entre outros) configuram-se em segmentos que recebem, produzem, assimilam, desprezam, enfim, conferem sentido e valores a procedimentos, vinculados ao seu universo.”<sup>196</sup>

Nesse sentido, para esse homem que desenvolve habilidades que permitem sobreviver na região, as enchentes têm uma função vital de renovação, mas também suscitam novas estratégias e apropriações para sua sobrevivência. Tal afirmação é possível ser constatada nas palavras de Silvério, em entrevista concedida a Fernandes, quando este expressa que:

As enchente, só trais beneficio pro Pantanal. Ela não dá prejuízo. Esse Pantanal sem enchê, ele vira deserto. Seca nunca é bom pro Pantanal. Pantanal é bunito. Não cheio demais, mas meia enchente sempre é mais bunito. Tem mais vida, tem mais riqueza. Ce vê os pássaro é tudo alegre, os animais. Inclusive o home também. Tem mais vontade de vivê, que ele tá vendo.<sup>197</sup>

Em certa medida, esse homem simples traz em si todo o conhecimento das particularidades dos ecossistemas que estão frente aos problemas sociais e ambientais gerados nas últimas décadas. Muitos desses problemas vêm se agravando em função da aceleração dos processos erosivos, assoreamento, desmatamento e alteração dos ciclos climáticos. O homem que convive com esse ambiente percebe que as alterações são constantes e interferem no seu modo de viver. Porém, sabe que as enchentes periódicas, assim como trazem dificuldades e prejuízos, são também contribuintes da riqueza da região.

Esse entendimento, essa maneira de “ler” o ambiente, pode ser atribuído aos hábitos que não são unilaterais, eles incluem indígenas, bolivianos, paraguaios e muitos outros que foram chegando e ficando. Então, formou-se esse imenso mosaico cultural carregado de hibridismos, observado na língua, no folclore, na música, danças e nos costumes tão comuns da região como o tereré<sup>198</sup> e o consumo de guaraná ralado, bebido com o intuito de repor energias.

---

<sup>196</sup> LEITE. E.F., *Marchas na História; comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*, 2003, p. 25.

<sup>197</sup> FERNANDES. F. A. G., *Entrando no mundo de Silvério: Postscriptum de um diário de campo e outras reflexões*, 2007, p. 175.

<sup>198</sup> Espécie de chimarrão que é preparado com água fria, preferencialmente gelada, originário do Paraguai.

O entendimento e a leitura da natureza contribuem para que o homem, inserido nesse espaço, opere um conhecimento empírico que o “educa” para as surpresas da natureza. Seu desejo de conhecimento está atrelado ao desejo de dominar sem, contudo, agredir. É contemplativo e observador, mas também ágil, oportunista e preciso em suas decisões. Faz escolhas, é consciente das suas necessidades. Respeito e prudência são seus aliados na labuta cotidiana nos diversos pantanais. A diversidade cultural manifesta-se de várias formas, não desconsidera as trocas e a relação com o ambiente, bem como com o universo místico a ele atribuído. Correia ressalta que “um dos efeitos principais da guerra da Tríplice Aliança em solo mato-grossense foi a contribuição da grande migração paraguaia, fenômeno de efeito marcante na formação econômica, social e cultural do Sul do Mato Grosso.”<sup>199</sup> A miscigenação entre colonizadores brancos, indígenas e paraguaios formou as raízes étnicas do habitante da planície pantaneira. Traços desse amálgama étnico são encontrados na cultura pantaneira, assim como também nas práticas religiosas, nas práticas agrícolas, alimentação, na pesca, uso de determinados utensílios domésticos, uso da canoa, da zagaia e na sua relação com o meio ambiente.

É possível perceber, em Porto Murtinho, que a população já incorporou a cultura paraguaia que se faz presente nas datas festivas, como a Festa de Nossa Senhora de Caacupê. A proximidade com o Paraguai, através da Colônia Peralta e Ilha Margarida, contribui significativamente para esse sincretismo cultural, aliado às origens de sua colonização, que está voltada para a vastidão territorial e para a exploração das suas riquezas naturais. Aspecto importante desse multiculturalismo está na linguagem. O guarani é amplamente utilizado por toda população e, por diversas vezes, gera constrangimentos. Fato esse vinculado ao turismo, quando o falar guarani está associado ao “estar falando mal”. Na entrevista com Conceição Montanheri, ela chama a atenção para o entendimento de muitos sobre o fato. Estando diretamente envolvida nessas questões que, por vezes, envolvem os hóspedes do hotel de sua propriedade, bem como seus funcionários e colaboradores. Ela assim diz:

Acho que a gente tem mais é que respeitá essas pessoa. Eu falo mal o português e essas pessoas falam pelo menos três línguas porque elas falam o castelhano, o português e o guarani, então eu respeito tudo que existe aqui e a maneira e o jeito de vivê do povo essas coisas, porque quem veio de fora fui eu, isso já existia aqui, e tudo que existia deve ser respeitado.<sup>200</sup>

É através das narrativas que ingressamos no fascínio das experiências vividas desses grupos. Silva Leite situa a oralidade como “coesão que mantém os grupos conectados entre si através do imaginário onde a voz institui o mundo e a forma como estes homens e mulheres

---

<sup>199</sup>CORREIA, L. S., *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*, 1980, p. 118.

<sup>200</sup> Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS



se relacionam com ele.”<sup>201</sup> A possibilidade do contato com tais pessoas é algo fundamental para a proximidade com o passado, através de seus relatos. Fernandes ressalta que “o relato oral é um misto de lembranças e atualizações, nele se reproduz um fato que é coletivo e também crivado de impressões pessoais.”<sup>202</sup>

Quanto à natureza do fascínio, proporcionado pela história oral, Verena Alberti escreve que, “quando isso acontece é porque nela encontramos a “vivacidade” do passado, a possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado.”<sup>203</sup> Estamos frente à questão de que recordar não é o mesmo que viver novamente o passado, juntar fragmentos há muito depositados na estante das reminiscências, com nuances individuais ou de um grupo, mas, sim, uma atividade do presente, com significados e implicações diretas no cotidiano dos moradores.

A memória é construída socialmente e os modos desta construção podem ser tanto conscientes quanto inconscientes, portanto, não estão condicionadas ao passado, suas arestas são lapidadas pelo presente, onde são ressignificadas e atendem a interesses, sejam estes individuais ou do grupo.<sup>204</sup> As trajetórias de vidas individuais assumem um papel relevante no sentido de contribuir para a elaboração de uma perspectiva de pesquisa na qual a história oral ajuda a entender que as práticas consolidadas a partir de uma história vivida podem ser por nós compreendidas como parte de uma história, cujo eixo é o homem e suas múltiplas relações com a natureza.

As entrevistas possibilitam questionamentos relacionados à forma de como são sentidas e vividas as experiências. São narrativas de histórias associadas às enchentes de uma maneira formal, pautada em datas, fatos, instituições, ou seja, um relato mais factual, assim como temos também relatos emocionados, com gestos que silenciam as palavras, do olhar perdido no espaço como estratégia de se recriar mentalmente o cenário das enchentes. O riso acompanha relatos daqueles que no período viviam o entusiasmo da juventude. A melancolia, o silêncio, os questionamentos, tudo sobremaneira resguardado como algo que cravou marcas na memória.

A oralidade permite-nos uma análise do fato narrado como sendo individual ou coletivo, bem como uma compreensão de como a história local contempla, em suas características e modificações, o fenômeno das enchentes. Portanto,

[...] a oralidade se constitui num traço de cultura indispensável para o conhecimento da sociedade que habita o Pantanal [...] é sua existência e prática um dos artifícios mais significativos para a transmissão da cultura local [...] instrumento importante para preservar e reproduzir o imaginário regional, longamente construído e sempre reelaborado.<sup>205</sup>

---

<sup>201</sup> SILVA LEITE, M.C., *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p.23.

<sup>202</sup> FERNANDES, F. A. G., *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, 2002, p. 25.

<sup>203</sup> ALBERTI, V., *Ouvir Contar: textos em História Oral*, 2004, p. 15.

<sup>204</sup> POLLAK, M., *Memória e Identidade Social*, 1992, p. 203.

<sup>205</sup> LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, 2005, p.179.

A unidade de um grupo e a continuidade das experiências vividas somente por eles pode ser preservada. O conhecimento empírico e a leitura do ambiente podem, através das narrativas, contribuir para a construção de uma História que contemple em seu interior as particularidades dos elementos que compõem estes grupos. Encontramos ideia similar em Leite, quando ele observa que “o homem que constrói representações acerca do Pantanal também desenvolve conhecimento sobre como viver e sobreviver na região; codifica e decodifica a paisagem da qual ele também é componente, personagem e ator.”<sup>206</sup>

O propósito é fazer uma leitura da história a partir da memória de um povo que considera que a enchente é um fenômeno recorrente, porém marcante na região do pantanal. O historiador do presente ao produzir as fontes orais, está se utilizando da memória. É mais do que notório que “a memória como fonte para o historiador é insubstituível em muitos casos”, no entanto, cabe a atenção por parte do historiador tendo em vista que “é também geradora de erros, de mitos, de mitologia.”<sup>207</sup> Assim, a memória “não é somente a construção, mas, reconstrução,”<sup>208</sup> neste caso um cuidado especial faz-se necessário em função dos sentimentos e emoções, do esforço de ocultar informações, dos lapsos e esquecimentos que norteiam essa memória em “reconstrução” no momento da entrevista, perceber até que ponto ela é confiável.

O trabalho do pesquisador com a história oral desenvolve de certa forma um importante mecanismo de inserção de pessoas que, pelas suas narrativas, diante da possibilidade de falar e contar suas histórias e sentir-se parte importante da construção de uma história. Assim, não podemos negar a pertinência das palavras de Ferreira ao salientar que “a história do tempo presente é a perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão histórica.”<sup>209</sup> E como a História é sempre construção, fazer história oral aqui, significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”. Essas fontes estão “marcadas pelo próprio presente, inerentes a ele qualquer que seja a época.”<sup>210</sup>

Buscar as sociedades, entender suas concepções, sua visão de mundo é buscar suas reminiscências. Sobre tal aspecto, a memória pode ser entendida no seu sentido mais amplo como “uma base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações dos atos” ou ainda como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”<sup>211</sup>

---

<sup>206</sup> Idem, p. 179.

<sup>207</sup> FRANK, R., *Questões para as fontes do presente*, 1999, p. 107.

<sup>208</sup> Idem, p.109.

<sup>209</sup> AMADO, J. e FERREIRA, M. M., *Usos & Abusos da história oral*, 1996, p. 15.

<sup>210</sup> FRANK, R., *Questões para as fontes do presente*, 1999, p. 103.

<sup>211</sup> LE GOFF, J., *História e Memória*, 1996, p. 425.

Se o registro das memórias consiste na construção de conhecimento, as experiências vividas não podem ser tomadas como passado, e sim como presente dos grupos sociais, por serem constantemente reelaboradas e tangenciadas por interesses comuns ao grupo. Segundo Leite, ao trabalharmos com a metodologia da História Oral, é preciso “considerar que a memória produz um depoimento a partir de uma participação individual, lançando mão de conceitos elaborados no meio social.”<sup>212</sup>

As narrativas podem ser construídas a partir de esquecimentos, na valorização do presente que é coletivo e elaborado no momento histórico que se vivencia. O espaço de memória pode, assim, ser visto como um processo de manutenção de determinadas tradições, uma forma de conservar o passado que se pretende rememorar dentro do presente, levando à discussão e à manutenção de várias formas de poder associadas à aceitação coletiva. Para Le Goff, é preciso considerar igualmente que “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades.”<sup>213</sup>

É preciso observar e reconhecer que, quando tratamos de experiências vividas, “a memória é resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais”<sup>214</sup> que estão imbricadas nas especificidades de cada sociedade e norteando suas ações, enquanto sujeitos históricos. Nessa perspectiva, a representação do Pantanal, pela mídia, enquanto paraíso, natureza intocada, é questionado pelos moradores que se apoiam no descuidado turista, quando no trato do meio ambiente. Na narrativa da senhora Norma, ela enfatiza:

[...] não é assim que eu queria ver, a barranca do rio cheio de lixo, de lata, lata não porque latinha tão juntando tudo, mas muito plástico coisas assim que não tem nada, vê o pessoal jogando no rio a sujeira, os barcos(...) ainda fazendo suas necessidades e jogando o esgoto dentro do rio, acho que isso tem que mudar (...) veja um pouco como está a situação da questão ambiental do rio que esta poluído agora, então é preocupante.<sup>215</sup>

Ao falar sobre os aspectos que permeiam seu passado, ela faz uma observação imediata do presente e, dessa forma, situa suas lembranças a partir de um ponto fixo e que tem significados múltiplos para a população. A preocupação com o meio ambiente e a preservação ambiental no Pantanal, estão inseridos no seu contexto social. A partir de suas concepções, ela elabora suas observações que são compartilhadas pelo grupo. Este recurso é utilizado novamente, quando fala da infância. Parte dela para o presente, em termos comparativos. Vejamos:

---

<sup>212</sup> LEITE, E F. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*, 2009, p.18.

<sup>213</sup> LE GOFF, J., *História e Memória*, 1996, p. 426

<sup>214</sup> MONTENEGRO, A.C., *História Oral, caminhos e descaminhos*, 1993, p. 56.

<sup>215</sup> Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

A minha infância foi uma beleza, porque eu ainda em toda minha época era totalmente a natureza envolvida onde eu vi muito bicho, aqui no Pantanal, onde a gente convivia com os pássaros, com os bichos do mato que falam, e pra mim é tão comum ver as cobra, vê os viado, todos os bichos que tem aqui no Pantanal, isso é coisa muito comum pra mim e que hoje já é raro ver (...). Mesmo você saindo nas fazendas, muitas vezes a gente não encontra mais os bichos que a gente tinha (...) e era muito bom.<sup>216</sup>

Quando questionada sobre sua relação com a natureza, com sua cidade, Dona Norma, novamente, situa-se no presente para dar a dimensão dessa relação que está associada às imagens midiáticas, no universo simbólico pantaneiro. Ela diz:

Você subi em cima do dique no pôr-do-sol e você bate uma foto, hoje é uma imagem e amanhã é outra, nunca se repete a mesma, é a coisa mais linda, se existe alguma coisa de bonito que nós temos é o pôr-do-sol em Murtinho.<sup>217</sup>

A relação com a natureza, elaborada por ela é, primeiramente, de crítica diante do descaso com o ambiente, seguido do fascínio, ao relatar um momento ímpar da infância, onde o contato com a natureza não estava restrito ou delimitado pelas propriedades ali existentes. Ao considerarmos sua análise, quando fala sobre a credence local que envolve as enchentes no Pantanal, ela questiona sua afirmação ao mesmo tempo em que adere às práticas do grupo, reafirmando a credence. Notemos que ao dizer “o camalote é uma realidade, você vê que não é uma crença, não é verdade? É uma coisa da natureza que pra nós é normal, isso aí é normal, desses camalote tá vindo enchente, as pessoas sabe disso.”<sup>218</sup> Estas observações, somente fazem sentido se estiverem alicerçadas na esfera cultural que legitima a sua relação com a natureza.

A possibilidade de estudos culturais sinalizou para a consideração e reconhecimento de que grupos e contextos culturais mantêm elos que não se restringem a sua identidade genética ou biológica, eles estão relacionados pelas tradições sociais. A cultura não se restringe as tradições, está presente no sistema cognitivo, ou seja, na visão de mundo que é construída pelas experiências culturais a que são expostas cotidianamente. Utilizamos o conceito de “cultura” descrito por Peter Burke, quando o autor classifica a cultura como sendo toda a esfera de criação humana a qual não está restrita aos critérios classificatórios de “popular” ou “erudita”, e sim sempre relacionada ao seu lugar social de produção e variáveis como a política e economia.<sup>219</sup>

O espriar das águas no período das chuvas é visto pelos moradores como necessário. Nas entrevistas realizadas, verificamos que há pontos comuns no que tange a

---

<sup>216</sup> Idem.

<sup>217</sup> Idem.

<sup>218</sup> Idem.

<sup>219</sup> BURKE, P., *Varieties of Cultural History*, 2000.

vulnerabilidade da população. Aspectos de uma relação de reciprocidade entre homem e natureza são plausíveis na entrevista com a senhora Conceição Montanheri. Ela nos diz:

Somos vulneráveis às enchentes ainda, só que mesmo assim torcemos pra que todos os anos haja enchentes, porque a enchente é a redenção do rio e do Pantanal, já que a água se espalha e há locais aqui como o Nabileque e nós já presenciamos isso.<sup>220</sup>

Em conformidade com a senhora Conceição, “o rio fica com uns 100 km de largura, então ele entra, ele sobe e ele se espalha” e continua “as águas você olha e se pudesse ficar lá no meio e olhar em volta, não enxergaria o horizonte.” Ela analisa as enchentes como necessárias e não prejudiciais, porque, na sua concepção, “sem cheias o rio não tem vida, as enchentes maiores ou menores são uma necessidade porque são elas que dão vida ao nosso rio Paraguai.” O grande volume de água que extravasa o leito dos rios formando as grandes enchentes é percebido por Silva:

No lugar onde dominava um sistema fluvial regular, inicia-se a mutação do mundo aquático, sem harmonia, quase sem escoamento, entregue às ações da natureza para distribuir-se em milhares de sangradouros, boqueirões entre serras, que se alagam durante as enchentes.<sup>221</sup>

Ressaltamos aqui a pertinência das palavras de Leite ao descrever que as tradições permeiam esse universo cultural local, e nelas está a identidade do homem. Em suas palavras

[...] no imaginário do homem pantaneiro a enchente espraia-se e ocupa lugar de destaque [...] Todo pantaneiro preserva em sua memória alguma experiência com enchentes [...] porque compreendem como componentes daquele universo do qual fazem parte.<sup>222</sup>

Aliado aos aspectos de deslumbre está a observância das necessidades locais atreladas ao modo de vida da população. Assim, na leitura dos moradores da planície pantaneira, “a pesca depende, a quantidade de peixes, aumento ou diminuição de peixes no rio, depende das enchentes porque é quando os peixes têm maior possibilidade de se proteger, pra se defender e procriar, pra se desenvolver.”<sup>223</sup>

As experiências dos moradores são ressignificadas e reconstruídas a partir do individual, mas estão inseridas num universo mais amplo, onde coexistem valores intrínsecos da sociedade e dos grupos. É comum, nas narrativas, depararmos com as observações dos moradores sobre as enchentes. Muitas delas, no entanto, expressam certa indignação, expõem questionamentos pela forma como são vistos por aqueles que não estão inseridos nesse universo de singularidades do Pantanal. A narrativa da senhora

---

<sup>220</sup> Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

<sup>221</sup> SILVA, M<sup>a</sup> do C. G., *Rio Paraguai: o mar interno brasileiro; uma contribuição para o estudo dos caminhos fluviais*, 1999, p. 287.

<sup>222</sup> LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, 2005, p. 164.

<sup>223</sup> Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Conceição expressa em partes tais elucubrações. Ela diz “olha a enchente muito se atribui, muito se, há muita lenda, muito folclore em cima das enchentes e que na verdade não era bem assim.”<sup>224</sup>

À medida que as entrevistas se concretizam, novos aspectos são inseridos nas relações com a natureza. O universo mítico entrelaça com a preocupação da chegada das águas. Aspecto evidente na narrativa de Ninfa Avelar, quando interpelada sobre as crenças que envolvem o universo do homem e da natureza. Nas suas palavras, enfatiza:

Eu sei disso, tudo aprendi com meu pai é quando aqueles pássaro e lá um monte, parece fileira, eles andam no céu assim, quando eles sobe pra cá é porque a água vai baixar, quando sobe pra cá, desce pra cá, fala que a água vai desce e quando começa a subir formiga no portão, subi bichos, esses dias apareceu, aparece bichos raros no caso, entrou um veado num sei aonde, tava aí na cidade, e eu “puf” na minha cabeça, meu Deus será que vai vim mesmo essa enchente, porque meu pai fala que eles vinha já procurando abrigo, eles procuram com antecedência porque vem. Aí um dia aqui no portão mesmo, eu encostei no portão e aquele formigueiro subindo em mim, aí eu virei não sei pra quem e falei Meu Deus essas formiga e já “puf” na minha cabeça, lembrei de meu pai, vai vim chuva, vai vim muita chuva, e pior que veio, as formigas moram debaixo da terra, eles já vão procurando abrigo em lugares mais altos porque vai vim muita chuva e eles sabem que aquele local vai pegar água, eles os animais, isso que eu sei.<sup>225</sup>

As maneiras como homem e natureza conectam-se está intimamente associada ao universo simbólico, construído a partir de concepções que têm suas regras, adentrando, inclusive, a tradição religiosa, descrita amplamente na historiografia, como, por exemplo, as Festas do Divino, as Festas de São João e a Festa da Virgem de Caacupe. A fauna adquire simbologias que delineiam as representações a partir de sua ordenação como portadoras de bons ou maus presságios. Tais representações estão estreitamente ligadas às características classificatórias, empíricas e valorativas.

A relação do homem e natureza no Pantanal, sua interação com o ecossistema, o seu modo de perceber e relacionar-se com as peculiaridades do ambiente, são constatações que nos permitiram analisar que mesmo a enchente sendo um fenômeno natural e recorrente no Pantanal, a população aprendeu a fazer uma leitura dos fatores que permitem a continuidade das suas atividades cotidianas e sua permanência nesse ambiente. A partir do momento que detecta o “perigo”, o homem se põe à espreita da natureza e, mentalmente, começa a elaborar suas estratégias de continuidade.

Pelas razões acima expostas, percebe-se que as relações estabelecidas entre o homem e a natureza estão basicamente centradas na perspectiva individual dos grupos sociais em que se inserem e refletem seus próprios valores, sentimentos, comportamentos e

---

<sup>224</sup> Idem.

<sup>225</sup> Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

preconceitos. Todos imbricados de maneira a permitir o “saber fazer”<sup>226</sup> Se é verdade que essa ação do saber fazer é essencial para a sobrevivência do homem no Pantanal, podemos admitir que, no desenvolvimento do trabalho, das atividades, são articuladas relações de respeito do homem pela natureza. Como verificamos na narrativa de Sebastião Coelho:

A natureza manda muito na vida do homem, num pode mudar a natureza, muda tudo! Tudo traz dificuldade. Numa época que nós tamo, tudo fica difícil porque mudou a natureza.<sup>227</sup>

Tomando como base o que aponta Michel Pollak<sup>228</sup>, pode-se sinalizar como sendo dois os elementos constitutivos da memória percebidos na narrativa. São, portanto, os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos que o autor denomina como “vividos por tabela”. É preciso observar, segundo o autor, que “a memória é resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais.”<sup>229</sup> Temos, frente à questão, que recordar não é o mesmo que viver novamente o passado, não é juntar fragmentos há muito depositados na estante das reminiscências com nuances individuais ou de um grupo, mas sim uma atividade do presente com significados e implicações diretas no cotidiano do indivíduo, do grupo ou de uma sociedade.

Ao “costurar” a hipótese sobre a invenção da seca no Nordeste, Durval Albuquerque parte do pressuposto que “existia toda uma realidade histórica complexa em que se digladiavam diferentes visões e conviviam diferentes possibilidades, tendo a vencedora procurado apagar todos os rastros daquela luta.”<sup>230</sup> A preocupação de Sebastião Coelho com o ambiente pode estar associada ao modo de viver dos grupos sociais ou diretamente ligada às preocupações mais amplas que recaem na política e na economia. Embora o narrador admita a importância da natureza, acrescenta que ela traz dificuldades. No segundo momento, suas palavras revelam sua inquietude frente às transformações que ocorrem paulatinamente na planície pantaneira. Reconhece que não pode alterar tal fato quando diz “numa época que nós tamo”, mas demonstra sua inquietação, por entender que não pode alterar tal realidade, em que as determinantes são as mais variáveis possíveis e escapam à sua compreensão. No entanto, demonstra sua compreensão ao fazer a leitura da natureza, enquanto elemento constitutivo da natureza humana.

Em todos os relatos e no conhecimento construído historicamente por memorialistas e também pelos historiadores, no exercício de seu ofício, percebemos que as múltiplas

---

<sup>226</sup> FERNANDES, F. A. G. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, 2002, p. 55.

<sup>227</sup> Idem, p. 55

<sup>228</sup> POLLAK, M., *Memória e Identidade Social*, 1992, p. 201.

<sup>229</sup> FERNANDES, F. A. G., *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, 2002, p. 56.

<sup>230</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de., *Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste*, 1984, p.112.

relações entre o homem e a natureza perduram através dos tempos, sofrendo os ajustes convenientes que atendam a demanda do momento, aí incluídos os interesses econômicos. Reservamo-nos o direito de citar como exemplo o comércio de peles e penas de animais silvestres que impunemente eram mortos para atender aos anseios do comércio emergente no início do século XIX e as incursões de aventureiros e cientistas que utilizavam a fauna como alvos na prática de tiros e os barcos que consumiam uma quantidade considerável de madeira para manter suas caldeiras em funcionamento.<sup>231</sup> Assim, todas as modificações atendem a interesses intrínsecos, sejam eles de subsistência, culturais, sociais ou mesmo de domínio.

Não poderia ser diferente nessa região com características específicas que, por um longo período de tempo, esteve isolada. Antes da chegada do europeu, nações indígenas percorriam tal espaço, desenvolvendo relações de reconhecimento e sobrevivência. Com a introdução de elementos alheios à sua cultura, estabelecem relações de resistência e apropriações. Por se tratar dos pantanais, a água atua como um elemento de múltiplas variantes, ora como empecilho ora como aliada. A natureza os abriga e os protege dessa intrusão, mas, ao mesmo tempo, é a ameaça.

A dicotomia dos sentidos que ronda as relações do homem e natureza permanece e segue atuante. As águas preenchem parcela considerável dessa relação e traz consigo a construção de um universo mítico que envolve os indivíduos num misto de admiração e medo.

Pantanal de lagoas encantadas e de salinas indispensáveis para o rebanho bovino, Pantanal que pontilha os campos de tuiuiús e jacarés, Pantanal do rio Paraguai e do pantaneiro, elemento central do entrelaçado de conhecimento e culturas próprias de uma região que encanta os turistas, tal quais os viajantes do século XVI. Resta saber se por detrás de tamanho “rearranjo” não se escondem imagens que entrecruzariam o mosaico pantaneiro.

---

<sup>231</sup> DOMINGOS, G. L., *Pantanal da Nhecolândia: História, memória e a construção da identidade*, 2005, p. 62-65.



Mapa 1 - Delimitação das sub-regiões do Pantanal brasileiro. Bacia do Alto Paraguai e Pantanal no Brasil, 1998.



Fonte: J. DOS S.V. DA SILVA et al. Brasília, v.33, n. Especial, p.1703-1711, out. 1998

**Tabela 1 - Delimitação do Pantanal Brasileiro**

**Participação dos municípios na área (km<sup>2</sup>) fisiográfica do Pantanal**

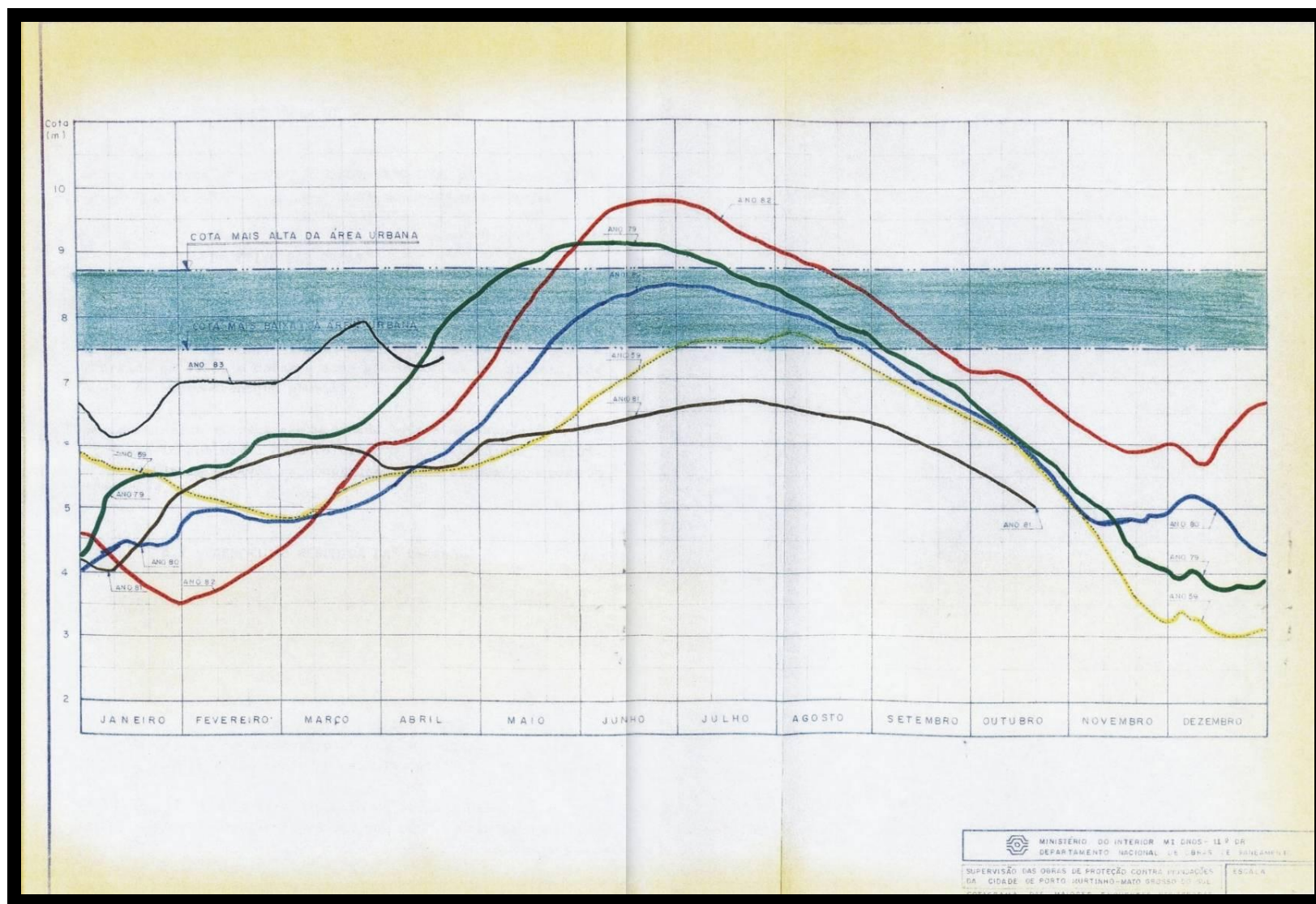
Municípios	Planalto	Pantanal (A)	Total (B)	Total IBGE	A/B(%)	B/C (%)
Mato Grosso	31.170	48.865	80.035	81.955,89	61,0	35,36
Barão de Melgaço	83	10.782	10.865	11.611,78	99,2	7,80
Cáceres	11.051	14.103	25.154	25.321,14	56,1	10,21
Itiquira	6.751	1.731	8.482	8.836,98	20,4	1,25
Lambari D'Oeste	1.439	272	1.711	1.719,10	15,9	0,20
Nsa. Sra. Livramento	4.019	1.115	5.134	5.331,57	21,7	0,81
Poconé	3.434	13.972	17.406	17.126,38	80,3	10,11
Sto. Ant. Leverger	4.393	6.890	11.283	12.008,94	61,1	4,99
Mato Grosso do Sul	37.193	89.318	126.511	131.417,50	70,6	64,64
Aquidauana	3.936	12.929	16.865	17.008,00	76,7	9,36
Bodoquena	2.500	46	2.546	2.514,30	1,8	0,03
Corumbá	2.858	61.819	64.677	65.165,80	95,6	44,74
Coxim	4.351	2.132	6.483	10.844,40	32,9	1,54
Ladário	311	66	377	341,40	17,5	0,05
Miranda	3.421	2.106	5.527	5.494,50	38,1	1,52
Sonora	3.598	719	4.317	4.088,90	16,7	0,52
Porto Murtinho	12.739	4.717	17.456	17.782,90	27,0	3,41
Rio Verde de MT	3.479	4.784	8.263	8.177,30	57,9	3,46
<b>TOTAL (C)</b>	<b>68.363</b>	<b>138.183</b>	<b>206.546</b>	<b>213.373,39</b>	<b>66,9</b>	<b>100,00</b>

**Sub-regiões da área fisiográfica do Pantanal**

Sub-regiões	Área (km <sup>2</sup> )	Porcentagem (%)
Cáceres	12.456	9,01
Poconé	16.066	11,63
Barão de Melgaço	18.167	13,15
Paraguai	8.147	5,90
Paiaguás	27.082	19,60
Nhecolândia	26.921	19,48
Abobral	2.833	2,05
Aquidauana	5.002	3,62
Miranda	4.383	3,17
Nabileque	13.281	9,61
Porto Murtinho	3.839	2,78
<b>Total</b>	<b>138.183</b>	<b>100,00</b>

Fonte: J. DOS S.V. DA SILVA et al. Brasília, v.33, Nr. Especial, p.1703-1711, out. 1998

Gráfico 2 - Cotograma das maiores enchentes registradas em Porto Murтинho desde 1959.



Fonte: Arquivo AGESUL